

Ano 3 - 2018 - nº5
ISSN 2525-8230



Revista de **PASTORAL**

EDUCAR PARA O HUMANISMO
SOLIDÁRIO

HUMANISMO SOLIDÁRIO

“Não devemos ter medo da solidariedade, de saber colocar o que somos e temos à disposição de Deus”. (Papa Francisco)





As opiniões expressas pelos autores, nesta edição, não necessariamente refletem as opiniões da ANEC.
As fotos usadas nesta edição da revista foram cedidas pelos próprios autores dos textos.



EXPEDIENTE

[REVISTA DE PASTORAL DA ANEC] PUBLICAÇÃO SEMESTRAL

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CATÓLICA DO BRASIL - ANEC

CONSELHO SUPERIOR

Ir. Irani Rupolo - Presidente
Pe. Mario Sundermann - Vice-Presidente
Ir. Claudia Chesini - Secretária

CONSELHEIROS

Frei Gilberto Gonçalves Garcia
Ir. Iranilson Correia de Lima
Ir. Ivanise Soares da Silva
Pe. João Batista Gomes de Lima
Dom Joaquim Giovanni Mol Guimarães
Pe. Josafá Carlos de Siqueira
Pe. Maurício da Silva Ferreira
Ir. Márcia Edvirges Pereira dos Santos

DIRETORIA NACIONAL

Ir. Paulo Fossatti - Diretor Presidente
Ir. Adair Aparecida Sberga - Diretora 1ª Vice-Presidente
Ir. Natalino Guilherme de Sousa - 2º Vice-Presidente
Ir. Marli Araújo da Silva - Diretora 1ª Secretária
Prof. Francisco Angel Morales Cano - Diretor 2º Secretário
Pe. Roberto Duarte Rosalino - Diretor 1º Tesoureiro
Frei Claudino Gilz - Diretor 2º Tesoureiro - Pastoral

EQUIPE EDITORIAL

Frei Claudino Gilz - Diretor/Setor Pastoral
Ir. Cláudia Chesini - Editora-Chefe
Prof. James Pinheiro dos Santos - Editor

CONSELHO EDITORIAL

Frei Claudino Gilz - Rede Bom Jesus e ANEC
Prof. Antônio Boeing - Educação Básica e Ensino Superior
Dom Antônio de Assis Ribeiro - Amazônia
Pe. Danilo dos Santos Pinto - Setor Universidades da CNBB
Prof. Guinartt Diniz - Mantenedoras da ANEC
Pe. Eduardo Rocha - Setor Educação da CNBB
Prof. Humberto Contreras - Faculdade Padre João Bagozzi
Pe. José Alves de Melo Neto - Grupo Educacional Bagozzi
Prof. José Leonardo dos Santos Borba - Colégio La Salle Abel
Ir. Marli Araújo da Silva - Educandário Santa Teresinha
Prof. Rodinei Balbinot - Cong. Irmãs das Im. Conceição
Ir. Valéria Andrade Leal - Rede de Educação Sagrado
Prof. Matheus Cedric - Colégio Medianeira/RJE
Prof. Josimar Azevedo - Belo Horizonte/MG
Profª. Roberta Guedes - Câmara de Educação Básica da ANEC

COMITÊ DE AVALIADORES

Prof. Antônio Boeing - Educação Básica e Ensino Superior
Dom Antônio de Assis Ribeiro - Educação Básica e Ensino Superior
Alair Matilde Naves - PUC Minas
Edilaine Vieira Lopes - Educação Básica
Prof. Humberto Contreras - Setor Universidades/Ensino Superior
Prof. Rodinei Balbinot - Educação Básica
Ir. Valéria Andrade Leal - Educação Básica
Pe. Eduardo Rocha - Pastoral da Educação da CNBB
Pe. José Ivanildo Melo - Rede Salesiana/AM
Prof. Matheus Cedric - Col. Medianeira
Sérgio Junqueira - Educação Básica e Ensino Superior

PRODUÇÃO GRÁFICA E EDITORIAL

Comunicação ANEC/Agência Bear.

REVISÃO TEXTUAL

Comunicação ANEC



SUMÁRIO

EDITORIAL	6
ARTIGO	8
Conscientizar-se para humanizar-se: desafios e possibilidades Thiago Alves Torres	
ARTIGO	18
Por uma humanização solidária: Projeto vida feliz do Colégio Santo Agostinho (Belo Horizonte/MG) Érika Figueredo e Rodolfo de Oliveira Silva	
ARTIGO	26
Por uma verdadeira Educação Inclusiva Pe. José Ivanildo de Oliveira Melo	
ARTIGO	30
Educar em tempos de crise sob a pedagogia do amor e da solidariedade Táilson Ferreira da Silva	
ESTANTE	36
ARTIGO	38
Educação da fé a partir do humanismo solidário Sérgio Rogério Azevedo Junqueira e Sonia de Itoz	
ARTIGO	48
Escola em Pastoral: um olhar a partir de relatos de experiência das equipes de Pastoral das Escolas Católicas Associadas à ANEC do Distrito Federal Maria Margarida Farias Cunha, Álvaro Fernando Loureiro da Silva e Roberta Guedes	
ARTIGO	56
Curta na Educação: promovendo fraternidade e cidadania no Rio Grande do Sul Harlei Antonio Noro e Alcione Muller	
ARTIGO	64
Presépio, Casa de Nazaré: um projeto de releituras do nascimento de Jesus a partir das áreas do conhecimento em uma instituição de Ensino Superior José Antonio Guimarães, Humberto Silvano Herrera Contreras e Larissa Fernandes Menegatti	
ESTANTE	74
ARTIGO	76
Círio de Nazaré: uma Escola de amor e fé CT de Pastoral do Belém/PA e organizado por Pe. João Mendonça	
MENSAGEM DE NATAL	82



EDITORIAL

“Educar ao humanismo solidário, buscando construir a civilização do amor”. Irmã Claudia Chesini



Para celebrar os **50 anos da publicação da Encíclica *Populorum Progressio*** realizada por João XXIII em 1967 quando anunciava aos homens e mulheres de boa vontade um novo modelo ético-social, mais abrangente, em que era preciso trabalhar pela paz, justiça e solidariedade com uma visão capaz de assimilar o horizonte global das escolhas sociais, a Congregação para a Educação Católica pública, em abril de 2017, as orientações para **EDUCAR AO HUMANISMO SOLIDÁRIO, BUSCANDO CONSTRUIR A “Civilização do Amor.”**

Essas orientações reaperentam especialmente dois pressupostos amplamente discutidos no Concílio Vaticano II: a **interdependência global e o destino comum de todos os povos** conforme *Gaudiun et spes* 4-5.

As orientações para Educar ao Humanismo Solidário apresenta a *Populorum Progressio* como o documento programático da missão da Igreja na era da globalização. Afirma o Papa Francisco (2017) que: “ainda hoje oferece modelos praticáveis de integração social, nascidos do encontro profícuo entre a dimensão individual e comunitária”. Portanto, é o guia do pensamento e da ação daqueles que querem construir a civilização do “humanismo planetário”. O documento oferece modelos praticáveis de interação social, nascidos do encontro profícuo entre as dimensões pessoal e comunitária. Essa integração exprime os objetivos da “Igreja em saída” que encurta as distâncias, humilha-se e acompanha a humanidade em todos os seus processos. *Evangelii Gaudium* 24.

É nesta perspectiva que, de Norte ao Sul do Brasil, agentes de pastoral das nossas instituições, descrevem de maneira simples e consistente algumas das atividades realizadas a partir das orientações do Educar ao Humanismo Solidário. São parte de um processo de construção onde a participação, o envolvimento, e o fazer acontecer tendo em vista o outro e o bem comum, dinamizam a evangelização. É o **SER REDES EM REDE!**

O primeiro relato da Revista de Pastoral é **Concientizar(-se) para humanizar(-se): desafios e possibilidades**. Trata sobre uma breve reflexão de como se dá a concretização do humanismo solidário nas atividades pedagógicas e pastorais nas instituições católicas.

A seguir, apresentamos o relato: **Por uma humanização solidária: Projeto Vida feliz do Colégio Santo Agostinho**. O texto aborda, à luz da pedagogia agostiniana, os fundamentos da identidade católica para responder aos desafios da humanização solidária.

Outro relato traz como tema: **Por uma verdadeira educação inclusiva**, que aborda elementos para que a educação inclusiva ganhe corpo e cada dia mais se consolide nos ambientes educativos, especialmente nas escolas católicas, como testemunho crível de que o Evangelho não permite discriminação de pessoas, mas ao contrário, é força de vida plena para a verdadeira educação inclusiva.

Já o relato, **Educar em tempos de crise: sobre a pedagogia do amor e da solidariedade**, aponta possibilidades de como, por meio da educação, podemos transformar e salvar vidas.

O relato, **Educação da fé a partir do humanismo solidário**, é decorrência do programa “Educando para a Diversidade”, conduzido pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Religião (IPFER) e aborda várias questões pertinentes a educação da fé.

Representando o Distrito Federal, **escolas católicas de educação básica de Brasília** socializam suas ações e perspectivas, por meio de projetos que envolvem o pedagógico e pastoral na construção de um currículo à luz do humanismo solidário.

A seguir, temos a descrição do **Projeto Curta na Educação**: promovendo fraternidade e cidadania, no Rio Grande do Sul, que acontece anualmente a partir do tema da Campanha da Fraternidade, em Curitiba.

Os educadores da Faculdade Bagozzi apresentam o relato, em tempo de **Advento: Presépio, casa de Nazaré**: um projeto de releituras do nascimento de Jesus a partir das áreas do conhecimento em uma instituição de ensino superior.

Por fim, as escolas católicas de educação básica de Belém do Pará trazem em seu relato a devoção, a fé e a participação da comunidade educativa na celebração do **Círio de Nazaré: escola de amor e fé**.

Como afirma o Cardeal Versaldi: “Será necessário, portanto, favorecer a comunicação dessas experiências e dos resultados da pesquisa, de modo a permitir que cada sujeito comprometido na educação para o humanismo solidário possa compreender o significado da sua iniciativa, no processo global de construção de um mundo baseado nos valores da solidariedade cristã.”

Agradecemos pela colaboração de todos e desejamos uma excelente leitura!

Frei Claudino Gilz e Irmã Cláudia Chesini - Setor de Pastoral ANEC



ARTIGO

Título:

**Conscientizar (-se) para humanizar (-se):
desafios e possibilidades**

Thiago Alves Torres

RESUMO

Com este artigo, nos propomos a refletir, partindo da análise bibliográfica de pensadores do campo da educação e de documentos eclesiais da Igreja Católica, sobre as possibilidades de contribuição dos ambientes educacionais para o processo de Humanização do ser humano.

Primeiramente, procuramos observar e explicar acerca da acelerada movimentação científica e tecnológica que vem ganhando notoriedade em nosso século. Contudo, nem todas as pesquisas e conquistas visam à preservação da vida humana. Em seguida, voltamos nosso olhar às práticas humanistas e humanizadoras de Jesus Cristo e sua aplicabilidade, por meio das relações interpessoais, em nosso cotidiano. Por fim, buscamos fortalecer nosso entendimento de que a escola é lugar, por excelência, de Humanização, porém, não o único.

Torna-se fundamental a superação da visão de uma escola apenas repetidora de conteúdos para configurar-se em um ambiente de estímulo à curiosidade, pesquisa e produção de novos saberes.

Palavras-chave: Humanização. Jesus Cristo. Conscientização.

THIAGO ALVES TORRES

Mestre em História pela Universidade Federal de Santa Maria, Especialista em Gestão Educacional pela Universidade Federal de Santa Maria, Especialista em Supervisão e Orientação Educacional pelo Centro Universitário Barão de Mauá, Licenciado em História pela Universidade Federal de Santa Maria e Licenciado em Filosofia pela Faculdade Palotina. Atualmente, Supervisor Pedagógico dos Anos Finais do Ensino Fundamental na Escola Municipal de Ensino Fundamental Élio Salles, em Júlio de Castilhos/RS e membro do Movimento Brasileiro de Educadores Cristãos – MOBREC, Núcleo de Educadores Cristãos de Santa Maria.

tatorres1983@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O século XXI destaca-se por ser um extraordinário período temporal em que as descobertas científicas e tecnológicas prosseguem em ritmo acelerado, nunca antes observadas na história da humanidade. Diariamente, pesquisadores dedicam-se a investigar, preocupam-se em desvelar o ainda encoberto mas que, em seu íntimo e por hipóteses, já é possível ser vislumbrado no horizonte. Podemos tomar como exemplo os aparelhos celulares. Estes, primeiramente, foram desenvolvidos para facilitar e aproximar a comunicação entre as pessoas, com maior liberdade e agilidade. Sendo assim, o telefone deixava de ser apenas um objeto estático, colocado em casas, escritórios, cabines telefônicas e orelhões, para estar, literalmente, nas ruas das pequenas e grandes cidades, bem como acompanhando andarilhos e viajantes em seus percursos. Inicialmente, o sinal de transmissão era ainda mais precário que o atual, contudo, um novo tipo de comunicação, por meio dos aparelhos telefônicos, tornava-se uma facilidade à vida. Hoje, os celulares servem não apenas para a realização de ligações telefônicas (e temos a impressão de que ele servirá ainda menos para essa finalidade), mas faz cálculos, tira fotos, grava vídeos, edita imagens, acessa à internet e liga-se ao “incomparável fluxo de informação” (GUARESCHI; BIZ, 2007: 105). Assim, o aparelho celular que, por ventura, venhamos a comprar nesta semana, rapidamente estará defasado frente às novas experimentações, descobertas e ferramentas que serão colocadas nos novos celulares.

No Brasil, a busca pela construção de novos saberes por meio da pesquisa acadêmica e científica, ainda que de forma lenta, está em crescimento. Conforme o Censo da Educação Superior no Brasil (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2018), somente no ano de 2017, 35.380 cursos de graduação e 63 cursos sequenciais foram ofertados em 2.448 Instituições de Edu-

cação Superior (IES), acolhendo 8.290.911 de estudantes matriculados, dados esses em que não fazemos menção aos estudantes do nível de pós-graduação. Entretanto, somos sabedores de que as IES buscam ser espaços de investigação e descobertas por excelência, onde pesquisas são desenvolvidas diuturnamente, resultando em conquistas e benefícios notórios às populações.

A pesquisa que resulta em descobertas empíricas, materializadas nas áreas científicas e tecnológicas, reafirma as potencialidades humanas de curiosidade e criatividade, algumas vezes ocultadas, ignoradas e/ou negligenciadas. Podemos nos interrogar: é possível negar a importância da descoberta da luz elétrica, da informação e comunicação que viaja via satélite, da penicilina, das vacinas e agora, mais recentemente, na nanotecnologia, nas tecnologias de produção e aproveitamento de fontes renováveis de energia, nos estudos que dão melhor qualidade de vida para pessoas com a doença de Parkinson, doença de Alzheimer, pessoas vivendo com HIV/AIDS, entre outros? Convictamente, acreditamos que não!

Contudo, infelizmente, nem todas as pesquisas buscam fortalecer a paz e o desenvolvimento humano e social das pessoas, bem como a superação das dificuldades sócio-políticas vigentes. Muitas ocorrem visando a apenas os interesses do mercado, do capital, do lucro desenfreado em detrimento à vida e à dignidade do ser humano. Vemos crescer no mundo o uso de armas letais. Se, até pouco tempo atrás, uma arma disparava apenas um único projétil, precisando ser reabastecida lenta e progressivamente, hoje elas já disparam milhares de projéteis por minuto, resultando em lesões e óbitos. Anualmente, são produzidos novos tipos de agrotóxicos, denominados pelos fabricantes como “defensores agrícolas”, contudo, extremamente venenosos, os quais exigem uma exorbitância em

recursos financeiros até que sejam produzidos e cheguem em grande escala ao seu destino final, onde muito mais do que “defender” as plantas, irão agredir o ser humano e o meio ambiente, encharcando nossos alimentos, contaminando nossos solos e lençóis freáticos e se apoderando do nosso organismo, gerando doenças e sequelas, na grande maioria das vezes, ainda sem tratamento adequado. Aumentar a produtividade agrícola, nessa ótica, não é sinônimo de cuidado com a vida, mas busca ilimitada de lucro para uns poucos. Avança a pesquisa e construção de armas nucleares, pois a empatia foi abandonada e a xenofobia ganha espaço pelas disputas de poder.

No que tange ao cotidiano escolar, e se limitarmos nosso olhar especificamente à realidade brasileira, vemos graves ambiguidades com relação a aspectos culturais, científicos e tecnológicos. Citamos alguns, apenas para exemplificar: ao mesmo tempo em que instituições escolares se notabilizam por suas aulas de robótica, vemos escolas em que lousas digitais existem apenas no imaginário; enquanto algumas redes educacionais não param de comprar e construir prédios para ampliar suas vagas e alunos, outras tantas nem banheiro com vaso sanitário e água potável possuem; se para algumas escolas as vagas em tempo integral com propostas pedagógicas e currículos diferenciados já são realidade, em muitas outras o déficit permanente de professores faz com que estudantes não tenham contato pleno e eficaz com informações das mais diversas áreas de conhecimento. Acreditamos que as ações humanizadoras nos ambientes escolares se tornam mais efetivas, quanto mais igualitárias forem as condições de acesso, permanência e sucesso escolar.

Poderíamos, ainda, nos alongar nas descrições acerca de pesquisas que resultam em malefícios à existência humana. Porém, elas já

se fazem tão presentes no cotidiano de nossa vida, que seria “chover no molhado”, como nos diz o ditado popular, isto é, apenas ficaríamos repetindo e nos lamuriando pelo, até então, determinado. Entretanto, o que nos propomos com essa explanação é levantar as seguintes problematizações: de que maneira as práticas de Jesus podem instigar nossa aceitação e desenvolvimento de relações interpessoais humanizadoras? A escola pode deixar de ser um lugar apenas de transmissão de conteúdos pré-definidos e tornar-se um espaço de humanização e conscientização? Seria muita pretensão de nossa parte afirmar que temos as respostas para essas perguntas. Contudo, temos a convicção de que o ser humano está em permanente processo de descobertas e que a práxis dialética da reflexão-ação-reflexão equilibra e fortalece as relações dialógicas, bem como amadurece a condição ontológica do Ser Humano permanentemente aprendente e ensinante.

Cabe a nós, no percurso da vida e das experiências, decidir: ou nos desumanizamos e nos tornamos “menos”, levados pelos contextos sócio-político-culturais onde estamos inseridos ou no qual somos levados a nos inserir, sufocando nossas potencialidades criativas e criadoras; ou optamos, convictamente, a nos humanizar, isto é, “Ser Mais”, conhecendo, reconhecendo e recuperando nossa integralidade e colaborando para que os outros façam a mesma experiência, por meio da Conscientização. Nesse sentido, “ninguém pode ser autêntico, proibindo que os outros o sejam. Um mundo humanizado é um mundo inclusivo, capaz de conviver e reconhecer as diversidades sem esquecer a fraternidade e a solidariedade que nos aproxima” (ZITKOSKI e TROMBETTA, 2014: 158). Portanto:

Viver é fazer-se, construir-se, inventar-se, desenvolver os talentos e possibilidades, chegar a ser autenticamente livre. Deram-nos a vida, mas não no-la deram pronta. Está em nossas mãos a possibilidade de gastá-la na banalidade e na mediocridade, ou de enchê-la de plenitude e sentido. (ESCLARÍN, 2006: 52).

Humanizar-se também é plenificar-se para libertar. Só pode libertar a si e aos demais quem se conscientiza da sua condição ontológica e desafia-se a desenvolver a capacidade subjetiva de análise das realidades objetivas e busca transformá-las.

AS PRÁTICAS DE JESUS HUMANIZAM E LIBERTAM

Enquanto seres humanos, nos deparamos com a presença de diversas necessidades, algumas como resultado de condições subjetivas, que partem das histórias de vida, das experiências vivenciadas, dos sonhos, alegrias e frustrações individuais e individualizadas, e, outras, de situações que nos atrevemos a definir como objetivas-materiais, por exemplo, a alimentação para a manutenção da vida, o agasalho para dias de frio, os remédios e hospitais para favorecer a recuperação da saúde, o transporte para facilitar a locomoção, os meios de comunicação para agilizar a transmissão da informação, etc. Nos vemos permanentemente envolvidos com o movimento de busca por satisfazer necessidades. Para as subjetivas, muitos procuram as terapias psicológicas, os aconselhamentos espirituais, a prática da meditação, a aproximação de uma denominação religiosa. Já, para as necessidades objetivas-materiais, muitas pessoas gastam-se em altas cargas horárias de trabalho, em vários locais diferentes, vindo a sair de casa antes mesmo do sol nascer e retornando quando seus familiares já estão novamente dormindo, para que suas demandas sejam eficazmente supridas, em alguns casos, levados pela crença de que o prazer do ter em demasia é a plenitude da felicidade.

Se visitarmos os pensadores da filosofia, veremos que em muitos de seus textos as reflexões acerca da distinção entre prazer e felicidade são cruciais. Não há uma uniformidade de definição, mas há uma proximidade

de compreensão, isto é, muitos deles entendem que o prazer é passageiro, de curta duração, resultado de ação individual; já a felicidade é muito mais abrangente, pois nasce das virtudes individuais, da consciência de que a plenitude não está nos excessos de bens materiais, mas no descobrir-se e na alteridade, é fruto de conscientização. Nesse sentido, Oliveira (2014) diz que:

Quanto mais buscamos a felicidade e nos empenhamos em inúmeras tarefas cotidianas, mais a tornamos inacessível. [...] Por isso, a felicidade seria a capacidade de vivermos conforme a natureza. Isso não significa voltar a um mundo primitivo de mera realização das necessidades fisiológicas. Trata-se, antes, de uma recusa das normas e convenções que pretensamente guiam a vida social. [...] Viver conforme a natureza humana é viver conforme a racionalidade, já que é essa a característica principal do ser humano (OLIVEIRA, 2014: 62-63).

As manifestações religiosas procuram apresentar a possibilidade de felicidade atingível. São atribuídas a Buda, Maomé, aos sacerdotes do Hinduísmo, aos líderes das crenças de matriz africana, aos seguidores de Jesus Cristo, o que nos atrevemos a denominar de diretrizes para uma vida feliz e plena. Cada seguidor procurará, em sua vida, opções, renúncias e superações para atingir o que, até então, era inatingível, abandonando as superficialidades, como por exemplo, os excessos de bens materiais, para alcançar a plenitude. Dos referenciais religiosos, o alcance da felicidade perpassará às práticas de sacrifícios, atos de caridade, momentos contemplativos, exercício da política enquanto busca do bem comum, entre outros.

Nesta nossa reflexão, queremos apontar a vida e atuação de Jesus e seus indicativos para o alcance da felicidade. Muito mais do que um exercício romântico de observação e hermenêutica de sua vida, pensamos que seja oportuno

tuno aprofundar nosso olhar em sua humanidade, sem perder de vista, obviamente, sua divindade, pois, como nos diz Frei Betto (2013: 40) “Jesus fez Deus descer de sua solidão celestial e habitar o humano. ‘E o Verbo se fez carne.’ Fundiram-se, então, o céu e a terra, o divino e o humano”.

Os relatos bíblicos que conhecemos por meio dos Evangelhos sobre a vida de Jesus são bastante sucintos com relação aos seus primeiros anos de vida. Mas isso não significa que são menos importantes. O evangelista Lucas apontou algo fundamental e que repercutiu em toda a sua existência. Afirma ele que Jesus “crescia em sabedoria, estatura e graça, diante de Deus e dos homens” (Lc 2,52). Essa sua formação humana e espiritual é como o alimento necessário às opções que fez quando assumiu a vida pública.

Não foi somente o batismo recebido por João Batista, como num passe de mágica, que fez com que Jesus radicalizasse sua vida. Pelo contrário, o evento mencionado pelos quatro evangelistas (Mt 3,13-17; Mc 1,9-11; Lc 3,21-22; Jo 1,29-34), em que o céu se abre, quando surge uma pomba que sobrevoa o ambiente e se fez ouvir uma voz que dizia: “Este é meu filho amado, que muito me agrada!” (Mt 3,17), vem confirmar que o Pai ama o Filho e espera que o Filho ame o Pai nos demais filhos, seus irmãos. É esta cumplicidade que fez com que Jesus publicamente passasse a referir-se a Deus como Abbá, Pai. Para José Antonio Pagola (2012):

Desta experiência brotam duas atitudes que Jesus vive e procura transmitir a todos: uma incrível confiança em Deus e uma docilidade incondicional. Jesus confia em Deus de maneira espontânea. Abandona-se a Ele sem receios nem cálculos. Não vive nada de forma forçada ou artificial. Confia em Deus. Sente-se filho querido. [...] Como bom filho, procura ser a alegria de seu Pai. (PAGOLA, 2012: 63).

A entrega voluntária ao batismo e a aceitação de uma mudança de rumo para sua vida, mesmo que Jesus ainda não tivesse um projeto próprio bem definido (PAGOLA, 2013: 100), o aproximou ainda mais das situações sócio-político-cultural-religiosa das pessoas de seu tempo. O Império Romano estava preocupado em arrecadar os miseráveis recursos das comunidades subordinadas ao seu governo. Os imperadores ganhavam estátuas e status de divindade. Ai de quem não pagasse os tributos. Além disso, a religião judaica era fortalecida por meio de normativas e rituais, preservadas nas famílias e garantidas pelas autoridades religiosas.

É neste contexto de subordinação ao Império Romano, de amadurecimento e superação da alienação às crenças judaicas, com o batismo e reconhecimento de seu Abbá, que Jesus se propôs a anunciar e difundir uma grande novidade: o Reino de Deus. É a partir do contato com as dores do povo que Jesus vai progressivamente humanizando-se, isto é, vai desenvolvendo a empatia, abre seu coração para que nele adentrem as dores dos demais. O Papa Francisco (2013, n. 265: 151) provoca a pensar que “toda a vida de Jesus, a sua forma de tratar os pobres, os seus gestos, a sua coerência, a sua generosidade simples e cotidiana e, finalmente, a sua total dedicação, tudo é precioso e fala à nossa vida pessoal”.

Jesus tornou-se um homem corajoso, ao ponto de aproximar-se, olhar nos olhos e chamar companheiros e companheiras. Inicialmente, o grupo era limitado. Contudo, foi se ampliando e sua mensagem se propagando. Uma das coisas mais bonitas da existência humana são os vínculos que estabelecemos, pois nos ajudam a superar nossas limitações e contribuem para que sejamos autenticamente nós mesmos. As amizades tornam nossa vida feliz. Por isso, Jesus também quis ter amigos e amigas, para crescer e amadurecer a sua humanidade.

Segundo o evangelista Lucas, “Jesus andava por cidades e povoados, pregando e anunciando a Boa Notícia do Reino de Deus” (Lc 8,1), e seus discípulos iam com ele. Humaniza-se pelo olhar e pela proximidade com o(a) outro(a). Para Pagola (2012: 78), “o primeiro olhar de Jesus não se dirige ao pecado das pessoas, mas ao sofrimento que arruína suas vidas. A primeira coisa que toca seu coração não é o pecado, mas a dor, a opressão e a humilhação que homens e mulheres padecem”. Amar é isso: abrir o coração para que o outro, em ti, faça morada, e vice-versa.

É frente as constatações de suas andanças que Jesus vai afirmar que veio “para que todos tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,10). É na sua vida gasta inteiramente para que a vida das pessoas do seu tempo pudesse se plenificar, que o Reino de Deus vai acontecendo. Ele não é algo distante, mas se concretiza nas práticas de amor, fraternidade, solidariedade, busca pela justiça, respeito, tolerância. Contudo:

Jesus declara de maneira categórica que o reino de Deus é para os pobres. Ele tem diante dos olhos aquelas pessoas que vivem humilhadas em suas aldeias, sem poder defender-se dos poderosos latifundiários; conhece bem a fome daquelas crianças desnutridas; viu chorar de raiva e impotência aqueles camponeses quando os arrecadadores de impostos levavam para Séforis ou Tiberíades o melhor de suas colheitas. [...] Jesus não fala da “pobreza” abstratamente, mas daqueles pobres com os quais trata enquanto percorre as aldeias. Famílias que vivem miseravelmente, pessoas que lutam para não perder suas terras e sua honra, crianças ameaçadas pela fome e pela doença, prostitutas e mendigos desprezados por todos, enfermos e endemoninhados aos quais se nega o mínimo de dignidade, leprosos marginalizados pela sociedade e pela religião. Aldeias inteiras que vivem sob a opressão das elites urbanas, sofrendo o desprezo e a humilhação. Homens e mulheres sem possibilidades de um futuro melhor (PAGOLLA, 2013: 130-131).

Como não compreender e aceitar as práticas humanistas e humanizadoras de Jesus quando se aproxima do cego que está a beira do caminho (Mc 10,46-52), ou quando supera os preconceitos e rivalidades e estabelece o diálogo com a samaritana (Jo 4,7-26), quando reestabelece a saúde a quem está doente (Mt 11,2-6), ou quando ensina e conscientiza o povo que é possível haver a prática da partilha (Mc 6,30-44), quando toca o leproso, escória da sociedade (Lc 5,12-13), quando impede que uma mulher seja apedrejada (Jo 8,1-11), ou ainda quando fita profundamente os olhos de Zaqueu e o desafia a uma mudança de vida (Lc 19,1-10)? São as práticas de Jesus que devem redimensionar nossas atitudes. Em um tempo marcado pelos preconceitos, intolerâncias, doenças, pobreza, violências, somos desafiados a nos humanizar partindo do humanismo de Jesus, como nos estimula o Documento de Aparecida (2007):

A todos nos toca recomeçar a partir de Cristo, reconhecendo que ‘não se começa a ser cristão por uma decisão ética ou uma grande ideia, mas pelo encontro com um acontecimento, como uma Pessoa, que dá um novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva (DA, 2007, n. 12: p. 13).

O humanismo de Jesus gera libertação! Tira dos corações o desânimo, a impaciência, a agressividade e faz brotar sentimentos que emanam do próprio coração do Mestre. Estimula a superação das condições alienantes, interpela-nos a buscar um mundo mais justo, equitativo, igualitário e fraterno.

ESCOLA É LUGAR DE HUMANIZAÇÃO

O cotidiano escolar é repleto de possibilidades. As relações interpessoais que se estabelecem são fundamentais para a socialização e a

construção de novos saberes. Escola é lugar de curiosidade, dinamicidade, criatividade, descobertas e, conseqüentemente, novas curiosidades. Essa nossa afirmação não quer ser uma redundância, embora, linguisticamente, possamos assim compreender. Contudo, entendemos que todas as formas investigativas e de elaborações cognitivas, que partem da curiosidade individual e/ou coletiva, conseqüentemente, resultarão em novas dúvidas e incertezas que, em muitos casos, romperão os limites físicos do ambiente escolar e serão sanadas no diálogo familiar, com o grupo de amigos, nas experiências amorosas e, em certas ocasiões, somente em anos futuros. Somos desafiados a permanentemente libertar nossa curiosidade e não domesticá-la, visto que “o exercício da curiosidade convoca a imaginação, a intuição, as emoções, a capacidade de conjecturar, de comparar, na busca da perfilização do objeto ou do achado de sua razão de ser” (FREIRE, 1999: 98).

Uma das tarefas mais nobres, sublimes e não menos desafiadora, é a escola poder contribuir para que os sujeitos que nela estão inseridos, seja por opção pessoal ou de outrem, possam se reconhecer enquanto seres inconclusos, estimule-os ao amadurecimento da consciência sobre si mesmos e, a partir desta autodescoberta, buscar protagonizar-se no mundo. É pertinente provocar em nós mesmos e incentivar os demais à fuga da acomodação, da ideia de que somos “ilhas desertas”, de que nos bastamos a nós mesmos. Nesse sentido, Freire (1999: 154) nos dá uma pista, pois entende que “o sujeito que se abre ao mundo e aos outros inaugura com seu gesto a relação dialógica em que se confirma como inquietação e curiosidade, como inconclusão em permanente movimento na História”.

Nascemos humanos, mas não plenamente humanizados. Ademais, cremos que nunca atingiremos o ápice da plenitude a que o ser

humano pode chegar. Isso porque estamos em permanentes movimentos de encontros e repulsas, conformidades e divergências, encantamentos e estranhamentos. Assim, concordamos com a perspectiva de Paulo Freire sobre o inacabamento do ser humano. Para o autor nordestino “o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento” (FREIRE, 1999:55). Contudo, a diferença do ser humano para os demais seres vivos é sua capacidade de desenvolver a consciência acerca da sua incompletude.

A escola deve contribuir com a humanização. Porém, é inimaginável pensar que fomos humanizados ou podemos humanizar apenas por meio de práticas reprodutivas de conteúdos. Os temas contemplados nas mais diversas áreas de conhecimento nos ajudam a entender o mundo, as artes, as medidas, etc., mas é na convivência, nas relações dialógicas, nas práticas cooperativas que vamos tornando-nos mais gente, mais Humanos (com “H” maiúsculo). Ampliamos nosso entendimento acerca das ações que nos Humanizam, partindo da reflexão de Henz (2007):

Os seres humanos se humanizam na medida em que se integram, conscientemente, em seu contexto, necessitando, para isto, desenvolver a capacidade e a coragem de refletir sobre a realidade circunjacente e sobre a sua situação e/ou postura dentro e diante da mesma. [...] Homens e mulheres irão descobrindo que são seres de esperança; e assumem a aventura e o risco histórico de re-humanizarem o mundo no qual eles(as) próprios(as) estão sendo desumanizados, para se reencontrarem e reconquistarem humanamente, não como objetos, mas como sujeitos que tomam nas mãos os rumos da história e da própria existência (HENZ, 2007: 154-155).

Sim! Uma escola que busca contribuir com o processo de Humanização de seus sujeitos, se desafia a desenvolver a integração e não

apenas o mero contato (FREIRE, 1981: 43), entrega-se integralmente às práticas dialógicas (FREIRE, 1981: 107), considera o respeito ao(s) diferente(s) uma prática necessária (FREIRE, 1999: 39-40), busca o conhecimento e a reflexão crítica (FREIRE, 1980: 28), insiste no desenvolvimento da aceitação acerca da condição de inacabamento pessoal (FREIRE, 1999: 55), compromete-se com a inserção social e política (FREIRE, 1981: 88) e foca no potencial de “Ser Mais” (FREIRE, 1987: 19), isto é, a busca pela autorrealização.

Aqui chegamos a um ponto importante: enquanto gradualmente nos Humanizamos, também somos envolvidos por um movimento de Conscientização. Entretanto, dependerá de cada pessoa apropriar-se desta sua nova condição para intervir nos ambientes onde está inserida. A Conscientização produz Libertação e “possibilita aos homens e mulheres atuarem em seu contexto, refletindo sobre ele e transformando-o” (MENDONÇA, 2008:91). Em Freire (1980), encontramos as definições acerca da Conscientização que mais corroboram com a reflexão que estamos propondo. Para o autor:

A conscientização nos convida a assumir uma posição utópica frente ao mundo, posição esta que converte o conscientizado em “fator utópico”. Para mim o utópico não é o irrealizável; a utopia não é o idealismo, é a dialetização dos atos de denunciar e anunciar, o ato de denunciar a estrutura desumanizante e de anunciar a estrutura humanizante. Por essa razão a utopia é também um compromisso histórico. A utopia exige o conhecimento crítico. É um ato de conhecimento. Eu não posso denunciar a estrutura desumanizante se não a penetro para conhecê-la. Não posso anunciar se não conheço [...]. A conscientização está evidentemente ligada à utopia, implica em utopia. Quanto mais conscientizados nos tornamos, mais capacitados estamos para ser anunciadores e denunciadores, graças ao compromisso de transformação que assumimos (FREIRE, 1980: 27-28).

Por isso iniciamos este subtítulo afirmando que escola É lugar de Humanização. Porém, tal ação só é eficaz se houver um compromisso de todos os sujeitos da comunidade escolar. Passamos boa parte de nossas vidas num espaço, muitas vezes, distante das nossas mais profundas inquietações subjetivas. Somos engessados, aprisionados pelos currículos, pelas normativas das mantenedoras, por políticas passageiras de governos passageiros e não de Estado, e vamos deixando para segundo plano o que consideramos o essencial: Humanizar! Resultado: corremos o risco de enviar ao mundo sujeitos preocupados em competir, que não conseguem aceitar derrotas e frustrações, que para atingir o que buscam são capazes de passar por cima (literalmente) de quem por eles são vistos como concorrentes e inimigos. Somos conhecedores de escolas que procuram conciliar a busca pelos conhecimentos científicos e tecnológicos com a ação Humanizadora. São como pequenos luzeiros colocados na escuridão, mas que, certamente, se se apagarem, as trevas tomarão conta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois desta nossa tentativa de esboçar que é possível nos Humanizarmos e Conscientizarmos para transformar solidariamente as mais diversas realidades, seria muita pretensão de nossa parte dar o trabalho por encerrado. Pelo contrário, queremos assumir sempre mais em nossa existência a condição de reconhecer nossa incompletude. Este trabalho está aberto a críticas e acréscimos.

Procuramos apontar sucintamente aspectos da crescente onda dos avanços científicos e tecnológicos dos últimos anos e sua implicação direta, positiva ou negativamente, na vida das pessoas. Entretanto, tal onda do que muitos insistem em definir como “progresso”

o foco no autoconhecimento, a busca pelo “Ser Mais” e na humanização, que resulta em felicidade.

É possível pensar em um futuro diferente? Não só deve ser possível, como deve ser almejado. O medo de futuro que nos circunda acaba impedindo nossa capacidade de visualizar e compreender que a vida é mais do que as aparências e vale a pena ser vivida com intensidade e desejo de superação.

Jesus nos apontou e continua apontando, por meio de seus seguidores, que é possível fazer a diferença, lutar por mais justiça e igualdade, na superação de todos os preconceitos. A empatia nos Humaniza, a empatia Humanizou Jesus! Ele abandonou uma hipotética tranquilidade de vida para se fazer Vida Plena aos sofredores do seu tempo. Tinha consciência de que sozinho, pouco ou nada alcançaria. Por isso, chamou doze, setenta e dois e quer ainda chamar outros e outras a fazer a diferença no mundo. O Papa Francisco (2013, n. 87: 58), refletindo acerca da importância das relações interpessoais, é categórico: “sair de si mesmo para se unir aos outros faz bem. Fechar-se em si mesmo é provar o veneno amargo da imanência, e a humanidade perderá com cada opção egoísta que fizermos”. Além disso:

No seguimento de Jesus Cristo aprendemos e praticamos as bem-aventuranças do Reino, o estilo de vida do próprio Jesus: seu amor e obediência filial ao Pai, sua compaixão entranhável frente à dor humana, sua proximidade aos pobres e aos pequenos, sua fidelidade à missão encomendada, seu amor serviçal até à doação de sua vida (DA, 2007, n. 139: 74).

Acreditamos que podemos tornar nossas escolas em espaços-tempos de alegria, conscientização e reflexão crítica. Também o Papa Francisco (2013, n. 64: 46) dá este indicativo, afirmando que “torna-se necessária uma edu-

cação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores”. Enfim, entendemos que os sujeitos envolvidos na ação educativa podem se inspirar nas ações de Jesus para reconfigurar suas práticas, nunca numa perspectiva proselitista, mas porque somos seres aprendentes e ensinantes e os bons exemplos enriquecem nossas vidas. Assim, “conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossas [...] obras é nossa alegria” (DA, 2007, p. 24).

REFERÊNCIAS

BÍBLIA SAGRADA: Edição Pastoral. Tradução Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1991.

BETTO, Frei. **Fome de Deus**: fé e espiritualidade no mundo atual. 1ª ed. São Paulo: Paralela, 2013.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida** – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2007.

ESCLARÍN, Antonio Pérez. **Educar para humanizar**. Tradução Antonio Efro Feltrin. São Paulo: Paulinas, 2006.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. 1. ed. Brasília: Edições CNBB, 2013. FREIRE, Paulo. **Conscientização: Teoria e prática da libertação: Uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. Tradução de Kátia de Mello e Silva. 3. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 12. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 13. ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 1999.

GUARESCHI, Pedrinho A.; BIZ, Osvaldo. **Mídia, globalização e violência social**. In.: HENZ, Celso Ilgo; ROSSATO, Ricardo (Orgs.). **Educação Humanizadora na sociedade globalizada**. Santa Maria: Biblos, 2007.

HENZ, Celso Ilgo. **Na escola também se aprende a ser gente**. In.: HENZ, Celso Ilgo; ROSSATO, Ricardo (Orgs.). **Educação Humanizadora na sociedade globalizada**. Santa Maria: Biblos, 2007.

MENDONÇA, Nelino Azevedo de. **Pedagogia da Humanização**: a pedagogia humanista de Paulo Freire. São Paulo: Paulus, 2008.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Censo da Educação Superior**: notas estatísticas 2017. 2018. Disponível em: http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2018/censo_da_educacao_superior_2017-notas_estatisticas2.pdf. Acesso em: 22/09/2018.

OLIVEIRA, Jelson. **Elogio à simplicidade**. Curitiba: PUCPRes, 2014.

PAGOLA, José Antonio. **O caminho aberto por Jesus**: Lucas. Tradução Gentil Avelino Titton. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

_____. **Jesus**: aproximação histórica. Tradução Gentil Avelino Titton. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

ZITKOSKI, Jaime José; TROMBETTA, Sérgio. **Freire e Dussel: uma pedagogia da libertação a partir da América Latina**. In: FREITAS, Ana Lúcia Souza; GHIGGI, Gomercindo; PEREIRA, Thiago Ingrassia (Orgs.). **Paulo Freire**: em diálogo com outros autores. Passo Fundo: Méritos, 2014.



ARTIGO

Título:

Por uma humanização solidária: Projeto Vida Feliz do Colégio Santo Agostinho (Belo Horizonte/MG)

Érika Figueredo

Rodolfo de Oliveira Silva

RESUMO

Tendo como base a pedagogia agostiniana e os fundamentos para a prática educativa católica, dadas pelo próprio magistério da Igreja, será abordada a ação educativa do Colégio Santo Agostinho, unidade Belo Horizonte, desde a Pedagogia Agostiniana, a prática pastoral do Colégio, experiência do Projeto Vida Feliz, a relação da comunidade educativa com o Carisma e Missão Cristã Católica – Agostiniana e por fim, refletir sobre possibilidades que ajudem a motivar a comunidade educativa para a importância de uma educação focada na humanização e na solidariedade.

Palavras-chave: Humanização Solidária. Carisma e Missão cristã Católica Agostiniana. Humanismo Solidário

ÉRIKA FIGUEREDO

Professora de Ensino Religioso e Agente de Pastoral / Formação Humano-Cristã no Colégio Santo Agostinho/BH. Graduação em Filosofia pela Universidade Estadual de Montes Claros (1995). Especialização em Ciências da Religião pela PUC-Minas (2007). Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-Minas (2016 – 2018).

RODOLFO DE OLIVEIRA SILVA

Agente de Pastoral / Formação Humano-Cristã no Colégio Santo Agostinho – BH. Pós-graduando em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais - PUC-Minas, conclusão em 2019. Estudante de Teologia. Instituto São Paulo de Ensino Superior – ITESP / São Paulo, dois períodos, interrompido 2016. Graduação em Licenciatura em Filosofia. Instituto Santo Tomás de Aquino - ISTA, conclusão em 2014. Designer Gráfico. S.O.S Tecnologia e Educação, Técnico, conclusão em 2017. Montagem e Manutenção de Computadores e Redes. Microlins, Técnico, conclusão em 2012.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo tem como objetivo suscitar o desejo de elevar a educação católica para um âmbito maior do que a mera excelência acadêmica que os educandos adquirem dentro das instituições, obras sociais e colégios confessionais.

Tendo como base a pedagogia agostiniana e os fundamentos para a prática educativa católica, dadas pelo próprio magistério da Igreja, será abordada, em cinco partes, a ação educativa do Colégio Santo Agostinho – unidade Belo Horizonte – que busca, de maneira sistemática, educar para uma Humanização Solidária. Levando em consideração a complexidade humana e principalmente o desejo de uma educação integral que “abraça” todas as dimensões do ser humano.

Na primeira parte, de modo sucinto, será abordado os conceitos fundamentais da Pedagogia Agostiniana. Contextualizando o Colégio: Quem são? Qual a marca? O diferencial? Como se dá o tripé carismático? - Conhecer-se, conhecer o outro e conhecer o sagrado, desde a mente, o coração e a caridade, para então, chegar à reflexão sobre as práticas de “Humanismo Solidário”.

Na segunda parte se falará da prática do Colégio em uma reflexão mais ampla no início até chegar ao ponto chave do Programa Pastoral de Voluntariado Inteligência e CorAÇÃO (PPVIC). O PPVIC visa a atender os educandos do 6º ao do 9º ano do Ensino Fundamental II. Dentro desse projeto está o Projeto Vida Feliz, onde os educandos visitam os pacientes oncológicos do Hospital Mário Penna. A terceira parte apresentará como o Colégio Santo Agostinho traduz, para além sala de aula, uma educação efetiva, sistemática, significativa por meio da experiência do Projeto Vida Feliz. Na quarta parte: os desafios, realidade social, familiar, escolar, como também dos alunos,

professores, colaboradores, com acento à relação da comunidade educativa com o Carisma e Missão Cristã Católica - Agostiniana.

Por fim, se buscará abrir caminhos que ajudem a motivar para a importância de uma educação focada na humanização e na solidariedade.

CONTRIBUIÇÕES DE SANTO AGOSTINHO PARA A EDUCAÇÃO: Conceitos Fundamentais da Pedagogia Agostiniana

Santo Agostinho é mestre e figura exponencial do pensamento cristão. É autor de várias obras, algumas das quais remetem à prática educativa, principalmente ao educador enquanto sujeito articulador no processo de busca do conhecimento dos educandos, baseado na tríplice raiz: conhecer-se a si mesmo, conhecer o próximo, conhecer o Sagrado, através da mente, do coração e da caridade (RIVAS, 2010).

A caridade para Agostinho é o resumo de todos os mandamentos e a sua vivência se dá na prática educativa. (AGOSTINHO, 2009) Para isso, é necessário colocar amor em tudo o que se faz, como afirma o santo: “se tiveres o amor enraizado em ti, nenhuma coisa senão o amor serão os teus frutos” (AGOSTINHO, 2010), pois aquele que tem o amor enraizado em si “ama o outro” (AGOSTINHO, 2010). Porém, para tal prática, é preciso conhecer-se, amar-se, fazer um caminho interior a partir das vivências exteriores, pois são elas que possibilitam o questionamento das relações do eu, enquanto sujeito, com o outro, ser humano, semelhante (RIVAS, 2010). Quando se ama o outro, torna-se possível chegar-se à nova civilização, à civilização do amor, como afirma Paulo VI na Encíclica *Populorum Progressio* (1967). Esta civilização busca “reformular os padrões de sucesso de uma socieda-

de, pautando-os pela ética – que não deve ser entendida apenas como postura pessoal -, mas como conhecimento racionalmente fundamentado” (OLIVEIRA, 2016). Ética tal que regule a vida cotidiana da sociedade, levando-a para o bem entre os seres humanos como valor transcendente.¹ Nessa perspectiva, a educação é desafiada a buscar caminhos alternativos e criativos que ajudem a construir e a cultivar uma sociedade mais fraterna/humana e solidária.

O Colégio Santo Agostinho – Belo Horizonte (CSA-BH), pertencente à Ordem de Santo Agostinho (OSA) – Vicariato Nossa Senhora da Consolação do Brasil – como escola católica, tem como missão promover a vida por meio da fraternidade, da educação e da justiça social (PINHEIRO, 2016). Sendo desafiado a buscar caminhos alternativos e criativos que ajudem a construir a civilização do amor, buscou e busca um projeto pedagógico transdisciplinar que preze pelas relações fraternas, solidárias e amorosas - que são os valores ensinados por Santo Agostinho -, humanizando, dessa maneira, a educação.

COMO BUSCAMOS EDUCAR PARA O HUMANISMO SOLIDÁRIO?

Programa Pastoral de Voluntariado Inteligência e CorAÇÃO (PPVIC)

Humanizar a educação significa colocar o educando como centro do seu processo educativo, buscando um quadro de relações que compõe uma comunidade viva, independente e vinculada a um destino comum. Nessa prática, é preciso ressaltar a importância de uma educação integral que contemple todas as dimensões da inter-relação do ser humano

com seu semelhante, com os povos e culturas, com todos os seres, com o meio ambiente, com a vida e com todas as realidades das vivências humanas (PINHEIRO, 2016).

Acreditar que é possível educar crianças e jovens a partir de um projeto pedagógico que preze pelas relações fraternas, solidárias, amorosas e humanas, (PINHEIRO, 2016) compreendendo que é na diversidade que se encontra a unidade, como afirma Agostinho (2010), é o primeiro passo para uma educação humanizadora e solidária. Também é preciso compreender que, no contexto contemporâneo, o papel de cada educando, cuidador da vida e construtor da história, é o de protagonista de um novo tempo, em que se estabelecem novos paradigmas de vida, considerando-se o tempo, o espaço e as relações humanas.

Aspirando, portanto, a uma comunidade viva numa educação para o humanismo solidário, o CSA-BH, por meio de seu Departamento de Evangelização, Pastoral e Ação Social (DEPAS), criou o Programa Pastoral de Voluntariado Inteligência e CorAÇÃO (PPVIC). O PPVIC tem como objetivo educar os nossos estudantes, do Ensino Fundamental II, no exercício do *fazer* solidário, auxiliando-os no desenvolvimento de habilidades, competências e valores que se tornarão experiências de vida e aprendizado permanente. Em parceria com Instituições Filantrópicas, nas áreas de educação, promoção humana e assistência social, o PPVIC busca conciliar, junto aos educandos, discurso e práxis, tendo como horizonte o Reino de Deus, de justiça e de paz, para tudo e para todos. As atividades nas instituições são sempre acompanhadas por um professor/agente de pastoral da área da Formação Humano-Cristã e acontecem sema-

¹ “Caracteriza-se por um “processo cognitivo e metodológico que exige respeito à interação entre os objetos de estudo de diferentes disciplinas, obtendo a transformação e a integração de suas respectivas contribuições a fim de formar um lógico coerente” (CELAM, 2011, p. 47)

nalmente, durante o período letivo.

No início do ano, há uma apresentação do PPVIC aos educandos do 6º ano do EF II à 2ª série do Ensino Médio. Posteriormente, o CSA-BH oferece um Momento Formativo para aqueles que desejam ser voluntários nas ações pastorais. Tal momento tem como objetivo capacitá-los para atuarem nas Instituições assistidas.

Dentro do PPVIC está o Projeto Vida Feliz (uma parceria com o Hospital Mário Penna), que é ofertado somente aos educandos do 9º ano em diante, devido às exigências de um ambiente hospitalar, e é também aberto aos voluntários ex-alunos, pais de alunos e colaboradores da comunidade educativa. Esse Projeto sensibiliza os educandos, levando-os ao acolhimento fraterno dos pacientes oncológicos do Hospital Mário Penna, fortalecendo a prática dos valores da caridade, da fraternidade e do serviço à sociedade. (O tema da oncologia é trabalhado nas turmas do 9º ano do EF II na disciplina de Ciências).

No Projeto Vida Feliz, os educandos, todas as quartas-feiras, fazem intervenções nas áreas de enfermarias e de quimioterapia. Essas intervenções são ministradas pelo professor/agente responsável. Atualmente os educandos cantam, conversam com os pacientes, levam cartas de apoio escrita por eles mesmos, com momentos de conversa e saraus. A imagem de referência do Jesus, que se emprega em sua missão adotada na ótica educativa do CSA-BH, é a do Bom Pastor que sai em busca de acolher, escutar e ajudar a sua ovelha que está ferida e perdida diante da enfermidade que açoita a sua saúde e, que por muitas vezes, tira a sua fé e a sua esperança.

EDUCAÇÃO PARA ALÉM DA SALA DE AULA

O Projeto Vida Feliz, assim como os demais projetos realizados pelo DEPAS-BH busca –

como já dito - uma educação que não se limite à formação acadêmica, mas que avance para algo mais profundo: uma educação transformadora, tendo como referência o humano, as experiências significativas de vida e que façam sentido para a aprendizagem do educando.

A partir do momento em que se cria um projeto que possibilita ao educando exercitar sua solidariedade, encontrar-se com o próximo e, principalmente, encontrar-se com uma realidade que, às vezes, se parece distante da sua, podem surgir, para esse educando, perguntas e questionamentos sobre a razão e o sentido para muitas coisas. Suscitar essa inquietude existencial é suscitar o desejo de buscar o bem, a verdade de pessoas livres e responsáveis em suas ações e atitudes, abertas ao diálogo, à vida em comunidade, ao trabalho em equipe. Pessoas que se sintam capazes de construir relações sadias, solidárias com os menos favorecidos, críticas e autocríticas, instruídas, cidadãos de um novo mundo, efetivos construtores de um novo modo de ser e atuar na sociedade (PINHEIRO, 2016). É essa a *inquietude agostiniana*, tão necessária para que se efetive o humanismo solidário em um ambiente escolar.

No Projeto Vida Feliz, os educandos também se deparam com situações que evocam o limiar da vida: alguém querido, que foi acompanhado e visitado por vários dias, *partindo*. Esse momento da partida é crucial no Projeto, pois, a partir desse ponto, os educandos também entendem que a vida é algo frágil e que, a qualquer momento, alguém pode dizer adeus. Tal entendimento desencadeia a ideia de que é necessário cuidar da vida como algo valioso, junto com a ideia de que é preciso respeitar a vida do outro. Essas experiências levam os educandos a reflexões tais que, na vida estudantil cotidiana de um jovem, talvez, passassem despercebidas ou surgissem, quiçá, vagamente. Há também pessoas que estão indo para casa – junto aos seus – finalizando seu tratamento no hospital.

Sendo a ação do Hospital Mário Penna voltada para pacientes idosos, os educandos se deparam com o encontro de gerações (adultos e jovens). Essa realidade sensibiliza o jovem para uma projeção da sua própria vida no futuro, sendo possível contemplar o seu próprio envelhecer. Esse movimento também faz com que os educandos busquem referências de pessoas que envelheceram, com um grande legado para a sociedade.

Os projetos pastorais do CSA-BH envolvem os educandos, por meio de ações humanizadoras, tornando-os sinal profético e testemunhas, na família e em todos os locais em que atuam, como jovens que buscam ser luz, conforto e acolhimento ao próximo, servindo, também, como bom exemplo, para todos que os rodeiam, para participar dessa prática humanizadora e solidária.

Dessa maneira, a comunidade educativa agostiniana se transforma em uma comunidade ativa, em saída e que não se omite diante da sua missão evangelizadora e educadora na construção da civilização do amor, pois é prática do amar que imprime, de maneira concreta, o maior valor cristão que é justamente o valor do amor que “é paciente, é benfazejo, não é invejoso, não é presunçoso nem se incha de orgulho, não faz nada de vergonhoso, não é interesseiro, não se encoleriza, não leva em conta o mal sofrido; não se alegra com a injustiça, mas fica alegre com a verdade. Ele desculpa tudo, crê tudo, espera tudo, suporta tudo” (1 Cor 13, 4-6).

Com essa postura, os educandos conseguem compreender, de maneira respeitosa, a pluralidade que caracteriza a sociedade atual. Aprendem, na prática, que existe uma grande diversidade de ambientes, modelos educativos, posições religiosas, raças, etnias, etc. e que, independente disso, a prática de amar o próximo supera todas essas diferenças e assumem, assim como Agostinho, que é “na diver-

sidade que se constrói a unidade” (2010) pois “nem a minha, nem a sua verdade, para que possa ser nossa” (2010).

DESAFIOS E PERSPECTIVAS DA PRÁTICA EDUCATIVA DO CSA-BH AO EDUCAR PARA O HUMANISMO SOLIDÁRIO

Talvez o maior desafio da comunidade educativa seja o de educar na perspectiva humanizadora e solidária, em que o essencial é o amor, traduzido no ato de amar, de se amar e de amar ao próximo, na compaixão, na solidariedade, na corresponsabilidade e no *educar pleno, integral* (PINHEIRO, 2016).

É salutar que os educadores busquem, na prática educativa, vivências em grupo, inovações tecnológicas, ludicidade, como ferramentas educacionais, mas jamais se esqueçam de que a *visão educativa da Igreja está a serviço da realização dos maiores objetivos da humanidade* (CEC, 2017).

O bem comum talvez seja um dos objetivos mais almejados pela Igreja que tem, na educação católica, um campo fértil, no qual as sementes desabrocham, em árvore se transformam, dão frutos, que reiniciam sempre o ciclo da vida, garantindo-se um mundo melhor, de promoção do ser humano. O Papa João Paulo II, na Carta Apostólica *Novo Millennio Ineunte* (2001), já advertia os cristãos católicos para o grande desafio que os esperaria no terceiro milênio: fazer da Igreja a casa e a escola da comunhão, fiéis ao desígnio de Deus e às expectativas mais profundas do mundo. Promove-se, assim, *uma espiritualidade da comunhão, sabendo criar espaço para o irmão, rejeitando as tentações egoístas que sempre insidiam e geram competição, arrivismo, suspeitas, ciúmes*. E continua o Papa a exortar: “Não haja ilusões! Sem esta caminhada espiritual, de pouco servirão os instrumentos exteriores da comunhão. Revelar-se-iam mais

como estruturas sem alma, máscaras de comunhão, do que como vias para a sua expressão e crescimento” (NMI IV, 43, 2001).

Nessa perspectiva, o CSA-BH, na sua atividade pastoral, tem como desafio sempre fomentar, auxiliar e estimular seus educandos e colaboradores na vivência do espírito de comunhão com tudo o que é humano – ao qual não se pode ser indiferente, respeitando-se sua unicidade e sua diferença, na multiplicidade cultural, econômica, social, religiosa, em que o diálogo e a cooperação na promoção do bem comum seja um motivo/objetivo contínuo (PINHEIRO, 2016).

A necessidade de se renovar o pacto educativo entre as gerações (CEC, 2017) é premente e instigante – o que leva os educandos recém-chegados, do Primeiro Período, com quatro anos de idade, até os colaboradores (mais que) septuagenários a conviverem na compreensão do tempo e da realidade de cada um, numa aprendizagem que, necessariamente, suscita e implica respeito. (CEC, 2017) A interdependência geracional é elucidativa: todos são filhas e filhos de um mesmo Pai e moram em uma casa comum, na qual o zelo e a responsabilidade pessoal emergem como prerrogativa de uma consciência planetária arraigada na Boa Nova que Jesus veio revelar. Entretanto, existe o desafio de se conseguir atingir, de maneira mais abrangente, toda a comunidade educativa. Apesar da exiguidade do tempo, da correria diária, do sem número de atividades extras, alguns são os educandos que estão disponíveis para a prática do voluntariado.

Os educandos agostinianos estão sujeitos a uma educação integral, como afirma Pinheiro (2016). Espera-se que os mesmos sejam pessoas inquietas, buscadoras do bem comum, da verdade, livres e responsáveis em suas ações e atitudes, abertos ao diálogo, à vida em comunidade, ao trabalho em equipe etc., entretan-

to, em algumas vezes, existe uma má interpretação dos pais/responsáveis que não entendem tal prática. Esse é outro desafio da Pastoral Escolar. Às vezes, os valores suscitados em seus filhos, não atingem a família e fica uma questão: como auxiliar esses pais/responsáveis no desenvolvimento dessas características presentes no centro educativo agostiniano? Algo que ainda não se tem respostas.

É necessário compreender a complexidade do desenvolvimento humano, este artigo comunga com a ideia de que os valores primordiais cristãos (amor, fraternidade, serviço, solidariedade) devem ser estimados e que a educação católica deve-se pautar nesses princípios. A partir de tal afirmativa, entende-se que o fazer educativo humano solidário passa pelo reconhecimento do contexto ao qual os educandos estão inseridos e também pela necessidade de se repensar as práticas docentes em um processo contínuo de produção de conhecimentos pedagógicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Educar para o Humanismo Solidário é uma tarefa árdua, que requer envolvimento de toda a comunidade educativa. Necessário se faz que todos e todas compreendam e acreditem que essa é a missão da escola e que vai além do trabalho humano, enquanto meros colaboradores. É na união entre Colégio, família e sociedade que se constrói a civilização do amor.

A pastoral na escola deve transitar no subjetivo de cada educando. Porém, é necessário entender que, para alguns, esse trânsito só se transformará em uma ação concreta futuramente e, para isso, é necessário esperar o tempo de Deus.

Não se pode esquecer da excelência de ensino que cada Instituição necessita, porém,

como escolas católicas, os valores cristãos de solidariedade, amor, fraternidade etc. não podem ser esquecidos e desvalorizados diante das exigências acadêmicas diárias. É missão da escola suscitar esses valores em toda a comunidade e para isso, é necessária uma equipe que compreenda a sua missão dentro desses centros educativos.

Voltar o olhar para 1 Coríntios 13, é essencial: “se eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, mas não tivesse amor, eu seria como um bronze que soa ou um címbalo que retine”. Pois os centros educativos católicos são convidados a serem sinais de amor na sociedade. Esse sinal, diante dessa sociedade que está cada vez mais polarizada, é o caminho para a superação de problemas como bullying, ódio contra o diferente, intolerância, desrespeito, violências dentro e fora de sala de aula ou dos centros educativos, conduta agressiva, entre diversas outras questões.

Nesse sentido, entende-se que é necessário um perfil de colaborador (professores/educadores) que tenha uma prática pedagógica consciente e intencional frente à realidade, podendo direcionar a prática educativa optando por uma educação efetivamente transformadora. Para isso, o colaborador precisa ter consciência da sua representação social diante do ambiente formal e informal da escola.

Que toda a Comunidade Educativa se encha do Espírito Santo e suas ações em favor dos irmãos mais necessitados manifestem o amor de Deus, a exemplo do próprio Cristo. Que o existir de cada um seja um contínuo louvor e glória Àquele que é “a Beleza sempre antiga e sempre nova!” (AGOSTINHO, 2010).

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **Confissões**. 22. ed. São Paulo: Paulus, 2010.

AGOSTINHO, Santo. **De Catechizandis Rudibus**. 20. ed. São Paulo: Paulus, 2009.

BÍBLIA SAGRADA, **Edição Pastoral**. Tradução de Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 1990. 1584 p. Antigo Testamento e Novo Testamento.

CELAM - Conselho Episcopal Latino-americano. **Vão e ensinam**: Identidade e missão da escola católica na mudança de época à luz de Aparecida. Bogotá: Celam, 2011,

CEC - Congregação para a Educação Católica. **Educar ao Humanismo Solidário**: Para construir uma civilização do amor, 50 anos após a Populorum Progressio. Roma: 2017

JOÃO PAULO II - **Carta Apostólica Novo Milênio Ineunte**. São Paulo: Paulinas, 2001.

MONTEIRO, Lilian. **Um olhar para o outro**. Estado de Minas, Belo Horizonte, 19 jun. 2018. Especial Educação: Voluntariado. p. 12.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. **Marco Institucional**. In: Marcos Teóricos: princípios norteadores do projeto político pedagógico Agostiniano, Belo Horizonte, 2016. p. 19-50.

PAULO VI. **Populorum Progressio**. São Paulo: Paulinas, 1967.

PINHEIRO, Frei Luiz Antônio. **Marco Doutrinal**: a proposta pedagógica agostiniana. In: Marcos Teóricos: princípios norteadores do projeto político pedagógico Agostiniano, Belo Horizonte, 2016. p. 55-101.

RIVAS, María Lilián Mujica. **El concepto de Educación de San Agustín**. España: Ediciones Universidad de Navarra, 2010.



ARTIGO

Título:

Por uma verdadeira Educação Inclusiva

Pe. José Ivanildo de Oliveira Melo

RESUMO

O presente texto traz à baila a discussão sobre a importância da educação inclusiva tendo como perspectiva o princípio do encontro de alteridades, de disponibilidade para lidar com sinais, símbolos e simbolismos. Neste sentido, entende-se que uma educação inclusiva verdadeira começa com o reconhecimento legal de políticas públicas para grupos específicos, mas só se efetiva se os agentes educativos reconhecerem na lei a presença do outro humano, detentor de dignidade e direito e nessa defesa se engajarem. Conclui-se que não se faz verdadeira educação inclusiva sem escuta, sem observação atenta, sem resiliência para mudar e mudar de novo.

Palavras-chave: Educação; Educação Inclusiva; Diversidade.

ORGANIZADOR DOS RELATOS: PE. JOSÉ IVANILDO DE OLIVEIRA MELO

Salesiano Presbítero, Coordena A Pastoral Da Faculdade Salesiana Dom Bosco Em Manaus/AM.

EXPERIÊNCIAS SISTEMATIZADAS

Educar é um dom-tarefa, que exige clareza metodológica, humildade e paciência. Iniciar alguém na arte da aprendizagem, requer espírito de iniciativa, protagonismo pessoal, capacidade criativa, inclusão do outro no meu mundo, e a minha ida ao mundo do outro.

Esta atitude/engajamento não se alcança uma vez por todas, ou pode ser medida por simples cálculos quantitativos e/ou qualitativos. Às vezes, possuímos a técnica e não temos os ambientes adequados para desenvolvê-las. Outras vezes, temos os ambientes e nos faltam os instrumentos. E, não raro, quando se tem a primeira e a segunda não se tem a disposição e a disponibilidade das pessoas.

Isso para dizer que educar e ser educado é por princípio um encontro de alteridades, de disponibilidade para lidar com sinais, símbolos e simbolismos. Aceitá-los, contestá-los, transformá-los, incluem-se na dinâmica educativa, como muito bem expressou Paulo Freire (2005, p. 79) “[...] ninguém educa ninguém, ao mesmo tempo em que ninguém se educa sozinho, mas intermediados pelo mundo e pelos vínculos que estabelecemos dentro de cada realidade nos autoformamos”. (FREIRE, 2005, p. 79).

Mas, afinal o que estamos defendendo? Sabemos que o direito à educação é universalmente garantido por lei. Por toda parte existem centros de diferentes modalidades educativas de inclusão. O que esperar então?

Os dicionários definem inclusão simplesmente como o ato de incluir algo ou alguém. Essa definição aplicada à escola representa a tomada de consciência de que nem todos estão presentes nos espaços de educação. Isso tem provocado nos organismos de ensino a busca por soluções. É importante dizer, no entanto, que esse debate não surgiu agora, mas perpassa toda a história da luta por uma

educação que seja inclusiva, junto a outras lutas não menos importantes como a luta das mulheres, dos negros, do povo pobre por educação pública. Todas estão na mesma linha do que hoje nos faz buscar o direito de pessoas com limitações cognitivas e portadores de deficiências físicas a frequentarem os espaços formais de aprendizagem.

No entanto, somente “incluir”, no sentido de estar aí, não é suficiente. É preciso buscar uma verdadeira inclusão. É preciso continuar dando os passos na direção de uma presença reconhecida, participativa, que ajude efetivamente os alunos a conjugarem educação e cultura, aprendizagem e protagonismo, escuta, participação crítica e ativa.

Por parte dos educadores se faz necessário o acompanhamento dos alunos, inserindo-os nos conhecimentos necessários “aos quadros da vida real” (SOARES, 1968, p. 8). Essa tarefa, pautada na defesa dos direitos humanos, assegurado pela Constituição, é mais exigente e deve envolver a todos. É uma luta pela prática solidária e pela busca de superação das “desigualdades de bem-estar entre os homens”, que deriva de “meras situações ocasionais” (KANT, 2006, p. 92). É uma luta para despertar a sensibilidade altruísta “[...] frente à necessidade iniludível da construção da paz sobre os alicerces da justiça” (LÉVINAS, 2004, p. 10).

Mas a pergunta que não quer calar é: como praticar uma verdadeira educação inclusiva?

O caminho para a uma educação inclusiva começa com o reconhecimento legal de políticas públicas para grupos específicos, mas só se efetiva se os agentes educativos reconhecerem na lei a presença do outro humano, detentor de dignidade e direito e nessa defesa se engajarem. O passo seguinte é o diálogo sobre o processo de inclusão. Não se faz verdadeira educação inclusiva sem escuta, sem observação atenta, sem resiliência para mudar e mudar de novo.

Na contemporaneidade, uma série de atividades e posturas educativas foram paulatinamente sendo incluídas no currículo escolar como proposta de integração das práticas e teorias educacionais inclusivas, mas isso não tem sido suficiente. Por isso, fiéis à pedagogia do Sistema Preventivo de Dom Bosco, as Escola Santa Teresinha, Santa Maria D. Mazzarello e Pró-menor Dom Bosco, em Manaus/AM, compartilharam conosco diversas iniciativas que vão de encontro a esta sonhada inclusão, que envolve todos os aspectos do projeto educativo pastoral dessas obras, cuja missão é tornar realidade o Reino de Deus no coração das pessoas e na sociedade.

Ela acontece com a participação ativa e consciente dos educadores responsáveis nas ações pedagógicas e pastorais desenvolvidas no cotidiano escolar. Reconhece o ser diferente não como ameaça, mas como algo que nos enriquece e abre possibilidades de crescimento humano integral. A proposta pedagógica, portanto, além das necessidades educacionais específicas dos portadores de deficiências físicas ou intelectuais, contempla a inclusão das necessidades emocionais, de integração pessoal, religiosa, psicológica e social, de reconhecimento da dignidade do ser humano por ser imagem e semelhança de Deus.

E como acontece? Nos momentos de acolhida simples e alegre, no clima de cordialidade educativa. Nos momentos formativos para a comunidade educativa, com campanhas que se utilizam de vídeos e filmes sobre a temática da inclusão. Atividades de lazer, recreação, esporte, teatro, dança como oportunidade de expressão artística, cultural, desportiva, voltada para a prática da inclusão.

Destaca-se nesse mosaico educativo o *Projeto 24 Solidário* da Escola Santa Teresinha, que acontece no mês de maio com a novena em preparação à *Festa de Nossa Senhora Auxiliadora*, em que se faz a *Gincana Mariana* com os alunos de toda a escola. As tarefas incluem

gestos concretos de partilha e doação. A Gincana Mariana é também realizada pelo Pró-menor Dom Bosco com adesão total dos alunos. A cada ano, as equipes de pastoral procuram identificar grupo de pessoas que se encontram em situação de exclusão social, ou temas relevantes a serem trabalhados, como a Campanha da Fraternidade e Estreia do Reitor-Mor.

Mas a inclusão não pode ser vista somente na ótica de quem está na escola. É preciso ajudar para que os alunos sejam protagonistas da inclusão, por isso as obras salesianas pensam diversas atividades em que os alunos são chamados à ação missionária. A presença dos avós no dia de Sant'Ana e São Joaquim, na Escola Santa Maria Mazzarello, o Esquentado Junino, atividade que envolve os pais e alunos em diversas atividades artísticas culturais, as atividades de Grupos de Animação Missionária (GAM), do Colégio Dom Bosco de Manaus, são alguns dos exemplos de ação missionária em saída.

Oxalá esse projeto de educação verdadeiramente inclusiva ganhe corpo e cada dia mais se consolide em nossos ambientes educativos, especialmente nas escolas, como testemunho crível de que o Evangelho não nos deixa fazer discriminação de pessoas, mas ao contrário, é força de vida plena pois, "somos todos irmãos". (cf. Mt 23, 8).

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005. 42. Ed.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós**: Ensaio sobre a alteridade. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

KANT, Immanuel. **Sobre a pedagogia**. Traduzido por Francisco Cock Fontanella. 5 ed. São Paulo: Unimep, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **Da Nova LDB ao Novo Plano Nacional de Educação: por uma outra política educacional**. 5 ed. São Paulo: Autores Associados, 2004.

SCARAMUSSA, Pe. Tarcísio. **O Sistema Preventivo de Dom Bosco: Roteiro de Iniciação**. Belo Horizonte: CESAP, 1993.

SOARES, Órris Eugênio. **Dicionário de Filosofia**. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1968. Vol. II. (E-K).



ARTIGO

Título:

Educar em tempos de crise sob a pedagogia do amor e da solidariedade

Tállison Ferreira da Silva

RESUMO

Educar nos dias de hoje não é nada fácil, porque o mundo atravessa inúmeras crises, principalmente a crise de valores. As pessoas submergidas nos contravalores caíram no esquecimento e no relativismo de que o amor, a solidariedade e o respeito, são fundamentais para o progresso das relações mais humanas. Com efeito, deparamo-nos com uma geração mais intolerante, individualista, egoísta e violenta. No entanto, nem tudo está perdido. Mesmo em meio às crises, podemos encontrar o claro no escuro para ressignificarmos a história e as relações humanas. A educação, mesmo atingida por contravalores impostos pela sociedade, continua sendo uma via relevante nesse processo de superação das crises existentes. Por meio da educação, podemos transformar e salvar vidas; é por essa razão que a importância de educar sob a pedagogia do amor e da solidariedade faz toda diferença. Nesse sentido, o educador é chamado a tomar consciência de sua prática educativa para que passe a observar o educando de forma holística. Deve ensinar a ler, a escrever e a contar, mas, sobretudo, transmitir valores, escutar e acompanhar. Com isso, não retiramos das mãos das famílias a tarefa que lhes compete, que é a educação doméstica de seus filhos; contudo, a escola deve não somente formar para o ENEM ou para os Concursos, mas preparar para a vida, nisto consiste o educar para o *humanismo solidário*.

Palavras-chave: Tempos de Crise. Educação. Amor. Solidariedade. Humanismo.

TÁLLISON FERREIRA DA SILVA

Graduado e Licenciado em Filosofia pela Faculdade Dom Heitor Sales (FAHS/RN). Escritor e poeta. Especialista em História e Cultura Afro-brasileira e Indígena, pelo Centro Universitário Internacional, UNINTER/PR. Especialista em Salesianidade pela Universidade Católica Dom Bosco (UCDB/MS).

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A educação é o processo de educar que exige amor, paciência e, sobretudo, dedicação diária. Nesse processo, entendemos que o ato de educar pressupõe a aplicação da pedagogia, da didática e do ensino para a formação e desenvolvimento físico, intelectual, ético e moral do ser humano. Assim sendo, tanto o educador quanto o educando são personagens indispensáveis nesse sistema de ensino-aprendizagem.

O educador sabe de suas competências e habilidades, bem como dos desafios emergentes dos tempos de crise, pois educar nos dias atuais parece algo desafiador e temeroso. Contudo, espera-se do educador alternativa(s) para encontrar o caminho da pedagogia do amor e da solidariedade como forma de superação dos desafios e temores que circundam a educação.

Nesse sentido, entendemos a pedagogia do amor e da solidariedade, como uma via que nos leva à educação que forma para a vida. Com efeito, o educador será o mentor, o mediador ou o orientador no processo educativo. Parafraseando o jurista e escritor Gabriel Chalita, o educador também deve buscar resgatar valores éticos e morais da pessoa (educando). Valores tão sufocados pelos contravalores.

Já o educando deve estar aberto à dinâmica do perceber-se como protagonista da sua aprendizagem, para deixar-se moldar pela pedagogia do amor e da Solidariedade, levando também em consideração as suas competências e habilidades como meios de superação e crescimento biológico, psicológico, social e espiritual. Só assim conseguirá reagir às crises do tempo presente, partindo do pressuposto de que elas podem nos estimular a tomar novas soluções.

Portanto, educar não é nada fácil, principalmente quando vemos as inúmeras crises que o mundo vem atravessando na esfera social, política, religiosa e familiar. Por isso a indagação: Como educar em tempos de crise? Não daremos receitas como resposta, mas temos como hipótese de que a própria crise pode ajudar significativamente no processo de educar, a partir da perspectiva da pedagogia do amor, da solidariedade ou do humanismo solidário, como propõe o Documento - 41, da Igreja Católica, Educar ao Humanismo, além de autores relevantes, a saber, Edgar Morin e Patrick Viveret, Leonardo Boff, São João Bosco e tantos outros pensadores, filósofos e sociólogos.

Por meio da pesquisa bibliográfica, investimos e temos a pretensão de abordar ideias de como superar os tempos de crise, educando com mais amor e solidariedade, encontrando, na formação integral da pessoa, elementos que o ajude a vencer, com maior consciência, as crises que o mundo apresenta.

EM TEMPOS DE CRISE

A humanidade vem enfrentando grandes crises nos seguintes âmbitos: social, político, religioso e familiar. Essas tensões acabam por influenciar no agir moral, ético e cultural das pessoas, principalmente das novas gerações, pois se veem diante de um cenário no qual a inversão de valores predomina. A competição por competição cada vez mais contribui para o individualismo e o egocentrismo.

Quando olhamos para realidade brasileira, a corrupção, por exemplo, tornou-se uma prática considerável e tão comum, que parece fazer parte da vida de quase todos os brasileiros. Sim, de quase todos os brasileiros, porque entendemos que a corrupção não está atrelada apenas ao desvio de dinheiro público, mas também às nossas ações perante uma fila

quilométrica, quando passamos na frente de alguém; quando avançamos um sinal fechado, não nos importando com os riscos; um suborno de policial por estarmos dirigindo embriagados; o ato de passar cola no dia de prova, etc. Para muitas pessoas, valores como respeito, tolerância, honestidade e solidariedade caíram no “esquecimento”.

E por falar em respeito e tolerância, matar “em nome de Cristo”, bem como a intolerância religiosa, já viraram algo quase que trivial. Faltam-nos mais amor e solidariedade nas relações, inclusive nas questões raciais e de gênero. Por vezes esquecemos que somos filhos e filhas do mesmo Deus e pertencemos à mesma natureza. Falta-nos a consciência da ecologia mental.

“Talvez a ecologia mental seja a mais difícil de ser realizada porque as estruturas mentais e o nosso modo convencional de ver as coisas perduram por gerações, dificultando enormemente as mudanças necessárias.” (BOFF, 2012, p. 23).

Mesmo com as mídias, que mostram o tempo todo o mundo de violências por causa da falta de respeito e tolerância, nós preferimos manter a mente fechada e centrada nos nossos preconceitos. Não queremos e tampouco aceitamos mudar a mentalidade; nas palavras de Albert Einstein, “é mais fácil quebrar um átomo do que desmontar um preconceito.” (EINSTEIN, apud, BOFF, 2012, p. 23).

A corrupção, a intolerância religiosa e o preconceito racial ou de gênero tomam espaço no âmbito familiar, e, conseqüentemente, na sociedade, destruindo as relações humanas. Como se não bastasse, na sala de aula não é diferente. Conforme, Marlova Noletto, coordenadora de Ciências Humanas e Sociais da UNESCO no Brasil, “a violência nas escolas reproduz a violência na sociedade, não é um fenômeno intramuros isolado.” (GLOBO-NEWS, 2012). É de se saber que inúmeros são

os tipos de violência presentes nas escolas, do bullying até as agressões verbais e físicas de educandos para educandos e também contra educadores e vice-versa.

Cada vez mais fica difícil conviver, respeitar e tolerar. Diríamos que entramos no verdadeiro caos dos valores e, aparentemente, não sabemos mais aonde ir. Contudo, “na linguagem contemporânea o caos originário se compõe com a ordem cósmica” (BOFF, 2006, p.78), neste sentido, a crise, que apenas faz-nos lembrar do caos, deve também fazer-nos enxergar a ordem das coisas e sua normalidade como uma questão possível.

Da crise podemos enxergar o claro no escuro a partir da concepção de que “as crises agravam as incertezas, favorecem os questionamentos e podem estimular a busca de novas soluções” (MORIN, 2013, p.9), pois nem sempre a crise pode ser entendida apenas de maneira negativa, mas também positiva, por nos ajudar a crescer humanamente e a encontrar alternativas de soluções para os problemas existentes.

A Igreja Católica Apostólica Romana, no Documento 41, Educar ao Humanismo Solidário para Construir uma “Civilização do Amor”, 50 anos após a *Populorum Progressio*², apresenta-nos direcionamentos de uma visão educativa que se preocupa com o bem comum das pessoas.

“[...] intuía-se que a educação devia estar ao serviço de um novo humanismo, no qual a pessoa social estivesse aberta ao diálogo e cooperasse na promoção do bem comum.” (VER-SALDI, 2017, §7).

Devemos educar com amor e por amor na busca constante da humanização da educação na perspectiva de estimularmos as pessoas a construírem uma “civilização do amor” (Papa Paulo VI).

Por isso, mesmo diante de todos os desafios, devemos apostar na educação como forma de superação das crises existentes.

EDUCAR EM TEMPOS DE CRISE SOB A PEDAGOGIA DO AMOR E DA SOLIDARIEDADE

A educação é um dos caminhos que ainda nos resta para encontrar a “justa-medida”, ou seja, o ponto de equilíbrio, conforme a filosofia aristotélica. Além disso, a educação pode também ser considerada como um claro no escuro num mundo de incertezas e contradições.

Diante das crises existentes, logo pensamos estar vivendo num eterno caos, o que de certa maneira pode ser até uma revelação de que algo precisa ser mudado, revisto, repensado. Por isso, diz o dito popular: “uma crise bem vivida nos leva ao crescimento humano”. Para aclarar esse raciocínio, Patrick Viveret nos diz:

“O Apocalipse não é a catástrofe, mas a revelação. Trata-se naturalmente, de um momento de bifurcação crítica que pode comportar aspectos destruidores, mas que também é, fundamentalmente, fonte de renascimento.” (MORIN; VIVERET, 2013, p. 33).

Nesse sentido, a educação aparece como aquela que ajudará o ser humano a encontrar, na bifurcação da vida, a melhor direção a seguir.

Aqui vale recordar da figura de São João Bosco (1815-1888), grande educador salesiano. Partindo da ótica da formação integral de Dom Bosco, o educador educa para a vida sob a pedagogia do amor, pautando-se no tríplice

fundamento: Razão, Religião e Amor.

Assim sendo, o educador deve perceber o educando em sua totalidade, como um ser constituído de corpo, mente e espírito. Portanto, é racional enquanto um ser que pensa de forma consciente a sua existência, buscando dar sentido à vida à luz da fé e da religião, tomando por base o amor que gera o afeto, a doçura do coração e a solidariedade. “...a doçura é a forma exterior da caridade, da bondade.” (BRAIDO, 2004, p.111). Desse modo, somente por meio do amor e da solidariedade é que o educador conseguirá educar em tempos de crise, porque o amor acolhe, escuta e acompanha.

É bem verdade que vivemos em um mundo onde não há espaço e tempo para parar, ouvir e acompanhar. Até a família, que por primeiro deveria assumir tal postura, já não vem desempenhando tão bem essa missão, porque o trabalho ou até mesmo o cansaço da vida quase não permite mais. E se a família não vai bem, teremos grandes consequências para humanizarmos a educação, porque “a boa educação familiar é a coluna vertebral do humanismo” (VERSALDI, 2017, §9).

Assim, essa missão recai sobre a escola e, conseqüentemente, para o educador.

O educador aberto à prática do lecionar com amor verá que a sua missão vai mais além do que se possa imaginar. Ele percebe que sua missão não consiste apenas em ensinar a ler, a contar e a escrever, mas a preparar para a vida. Na prática, isso ocorrerá quando o educando perceber que é amado e que alguém o escuta e acompanha sem julgamentos ou condenações.

2 Carta Encíclica *Populorum Progressio* (Desenvolvimento dos Povos) de sua santidade Papa Paulo VI aos bispos, sacerdotes, religiosos, fiéis e a todos os homens de boa vontade no ano de 1967. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/encyclicals/documents/hf_p-vi_enc_26031967_populorum.html. Acesso em 16 de julho de 2018.

“...É ouvindo o educando, tarefa inaceitável pela professora autoritária, que a educadora democrática se prepara cada vez mais para ser ouvida pelo educando. Mas, ao aprender com o educando a falar com ele porque o ouviu, ensina o educando a ouvi-la também.” (FREIRE, 1980, p. 88).

Em tempos de crise, faz-se necessário uma educação humanizada. O educador deve colocar mais amor em sua função. Mais do que professor, deve ser educador. Educador na perspectiva de que ensina componentes curriculares, mas, sobretudo, prepara para a vida mediante a vivência dos valores éticos e morais.

Assim sendo,

“Uma educação humanizada, portanto, não se limita a fornecer um serviço de formação, mas cuida dos seus resultados no quadro geral das capacidades pessoais, morais e sociais dos participantes no processo educativo; não pede simplesmente ao professor para ensinar e ao aluno para aprender, mas exorta cada um a viver, estudar e agir de acordo com as premissas do humanismo solidário; não prevê espaços de divisão e contraposição mas, pelo contrário, oferece lugares de encontro e debate para realizar projetos educativos válidos; trata-se de uma educação - ao mesmo tempo - sólida e aberta, que derruba os muros da exclusividade, promovendo a riqueza e a diversidade dos talentos individuais e expandindo o perímetro da própria sala de aula a cada âmbito da experiência social em que a educação pode gerar solidariedade, partilha, comunhão.” (VERSALDI, 2017, §10).

Nessa perspectiva da educação humanizada, o educador deve continuar caminhando na contramão daquilo que a sociedade impõe como verdade, o que na maioria das vezes só degenera e atrofia a mente humana, além de subtrair os valores éticos, morais e culturais que nos foram transmitidos.

As pessoas têm necessidade de quem as

escute. Na sala de aula não é diferente. O educando quer ser ouvido. Quer ter direito, vez e voz. A ele, na verdade, cabe o papel do protagonista. Parafraseando Sócrates, o educador será sempre o mediador e “parteiro de ideias”.

Em tempos de crise, na comunidade educativa, todos devem sentir-se acolhidos e integrados. Já basta o mundo excludente. As ideias que emergem da curiosidade dos educandos devem ser recebidas de bom grado, porque as experiências de cada um, bem como, “os valores da comunidade ajudam as pessoas a se tornar melhores” (SBERGA, 2014, p.279).

Educar em tempos de crise sob a pedagogia do amor e da solidariedade consiste em um verdadeiro encontro de fraternidade, onde a sala de aula e os pátios tornam-se palco de acolhimento, ensino-aprendizagem, diálogo, escuta e acompanhamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No processo de educar para a melhor eficácia da aplicação da pedagogia, da didática e do ensino para a formação e desenvolvimento físico, intelectual, ético e moral do ser humano, faz-se necessário o amor e a doçura do coração. O educador, além de ensinar a ler, a contar e a escrever, é convidado a formar para a vida. A educação humanizada fará toda a diferença nesse processo.

Tal formação deve ser integral, no sentido de que se deve ensinar a disciplina (matéria), mas também, deve-se transmitir valores éticos e morais, além de pensar as questões sociais como reflexão que leva cada educando a mudança de comportamento.

Destarte, educar em tempos de crise sob a pedagogia do amor e da solidariedade significa dizer que, no palco da educação, somos convidados a enxergar o educando em sua

totalidade, e que, na maioria das vezes, o educando precisa de quem o escute e o acompanhe, de quem o valorize e o faça perceber que ele pode ser o protagonista de sua própria história e aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BRAIDO, Pietro. Prevenir, não reprimir: **o sistema educativo de Dom Bosco**. Tradução Jacy Cogo. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

BOFF, Leonardo. Virtudes para um outro mundo possível: **Convivência, respeito e tolerância**. Vol. II – Rio de Janeiro/RJ. Editora: Vozes, 2006.

_____. **As Quatro Ecologias**: Ambiental, Política e Social, Mental e Integral. Rio de Janeiro. Ed. Mar de Ideias: Animus Anima, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 10ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.

GLOBONEWS. **A violência nas escolas**. Disponível em:

<http://g1.globo.com/globo-news/noticia/2012/11/violencia-n-escolas-reproduz-violencia-na-sociedade-diz-educadora.html>. Acesso em 14 de julho de 2018.

MORIN, Edgar. VIVERET, Patrick. **Como viver em tempo de crise?** Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro/RJ. Editora: Bertrand Brasil, 2013.

SBERGA, Adair Aparecida. **A formação da pessoa em Edith Stein**. São Paulo: Paulus, 2014.

VERSALDI, Giuseppe. CONGREGAÇÃO PARA A EDUCAÇÃO CATÓLICA (dos Institutos de Estudo). **EDUCAR AO HUMANISMO SOLIDÁRIO** para construir uma “Civilização do Amor”. 50 anos após a Populorum progressio, 2017. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccatheduc/doc_20170416_educare-umanesimo-solidale_po.html. Acesso em 16 de julho de 2018.



ESTANTE

Pe. JOÃO DA SILVA MENDONÇA FILHO, sdb

AFINAL, QUEM É JESUS DE NAZARÉ?

Formação de Catequistas
no estilo catecumenal



EDITORA

SANTUÁRIO

O livro, **AFINAL, QUEM É JESUS DE NAZARÉ?** Formação de catequistas no estilo catecumenal, publicado pela Editora Santuário, é a tentativa de partilhar um testemunho de minha própria ação catequética desde 2003.

Quando os bispos, em Aparecida, votaram para que o “processo de iniciação cristã fosse adotado em todo o continente” (DAp, 294), comecei a estruturar melhor minha práxis evangelizadora. Exerço o ministério da catequese desde os meus 15 anos. Fui um jovem catequista, seminarista catequista e continuo sendo um padre catequista. Por isso, comecei por mim uma revisão de minhas ações colocando como centro a pessoa de Jesus. Com a ajuda da Teologia procurei fazer um caminho iniciático antes de propor aos outros. Aqui está, no meu modo de ver a chave hermenêutica da iniciação cristã. É preciso deixar-se envolver pela escuta atenta da Palavra, pela oração, pelo estudo, na vivência comunitária e no aprendizado do discipulado. Se isto não acontecer, o processo permanece apenas noético, aula, palestra, satisfação da razão, mas vazio em relação à educação da fé.

Quando fui nomeado pároco pela primeira vez em 2003 ainda relutava na mudança, mas aos poucos, movido pela urgência da nova evangelização, comecei a trabalhar com os catequistas um novo caminho. O trabalho foi árduo. Foram dois longos anos. No final, a paróquia respira outra atmosfera catequética.

Quando cheguei na paróquia onde estou desde 2014, já tinha uma experiência mais consolidada. Deixei passar um ano e voltei a rever minhas anotações e a metodologia. Fiz a proposta aos paroquianos e começamos um trabalho formativo. Sistematizei melhor o querigma com as perguntas: afinal quem foi Jesus? E o que ele é hoje? Depois passei ao catecumenato dando um valor fundamental ao Antigo e Novo Testamento. Dessa fonte dei novo significado à Tradição da Igreja, ao Magistério e a compreensão das Escrituras. Assim as anotações foram tomando um corpo como eu queria. Meu objetivo não era repetir doutrinas, mas propor à, luz da iniciação, temas que ajudassem o catequista a mudar de mentalidade e fazer um caminho iniciático. Disso nasceu o livro.

O primeiro capítulo é uma breve apresentação do Ano Litúrgico, rompendo assim o ano escolar, para mostrar que Jesus é o centro da vida cristã, portanto, um resgate do sentido da Páscoa. O segundo capítulo é o querigma, ou seja o anúncio explícito de Jesus por meio das parábolas, dos milagres, e da vida de alguns santos. O anúncio toca a vida das pessoas em profundidade e as transforma. O terceiro capítulo é o catecumenato, a parte mais árdua porque a doutrina da Igreja aparece com mais evidência, porém, é necessário passar por ela, para dar razão da própria esperança. Comento o processo da Revelação, a forma como os textos bíblicos foram surgindo, o Credo Apostólico, o tema dos Novíssimos, o Pai Nosso e os sacramentos. No quarto capítulo, apresento os ritos de eleição e purificação à luz das virtudes teologais e cardeais. Por fim, no quinto capítulo, apresento o processo mistagógico como a busca do Mistério na vida como vocação.

Oxalá este livro ajude a tantos formadores e catequistas a fazerem o caminho da iniciação na busca de compreender a verdade que inquieta gerações: Afinal, quem é Jesus de Nazaré?

Pe. João da Silva Mendonça Filho, SDB



Título:
Educação da fé a partir do humanismo solidário (education of the faith from solidary humanism)

Sérgio Rogério Azevedo Junqueira
Sonia de Itoz

RESUMO

Este artigo decorre do programa “Educando para a Diversidade”, conduzido pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Religião (IPFER). A pesquisa desenvolvida e aqui apresentada teve como referência uma abordagem qualitativa e se utilizou do método bibliográfico e documental de identificação de informações. O objetivo foi perceber a incidência do trabalho com o conteúdo “diversidade”, no componente curricular Ensino Religioso, e a relação de crianças e adolescentes com diferentes concepções e posturas frente à vida. Para a pesquisa foram selecionadas Diretrizes Curriculares de diferentes regiões do país e que estão em conformidade com a Base Curricular Comum Nacional (BNCC). A partir do projeto *Fundamentos, Eixos e Metodologia para a Pastoral Escolar*, ancorado no “educar na fé, pela fé e para a fé”, expressado pelo Papa Francisco, foi possível verificar que a compreensão da diversidade religiosa favorece a crianças e a adolescentes a fazerem uma inserção e terem relações sociais mais participativas e responsáveis. Os resultados percebidos mostraram ainda que a percepção, a troca e a convivência com diferentes manifestações de religiosidade, transformaram-se em espaço subjetivo de aceitação do outro e de respeito às alteridades. Constatou-se também um envolvimento maior, tanto pessoal como coletivo, com causas que possam levar a transformações de práticas e posturas, no que concerne à convivência com o outro e com o diferente.

Palavras-chave: Educação; Ensino Religioso; Diversidade.

SÉRGIO ROGÉRIO AZEVEDO JUNQUEIRA

Livre Docente e Pós-Doutor em Ciência da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Pós-Doutor em Geografia Cultural pela Universidade Federal do Paraná, Doutor e Mestre em Ciências da Educação da Universidade Pontifícia Católica Salesiana (Roma, Itália), Licenciado em Pedagogia na Universidade de Uberaba, Diretor do Instituto de Pesquisa e Formação Educação e Religião (IPFER).
srjunq@gmail.com

SONIA DE ITOZ

Mestre em Educação, PUC/SP. Graduação em Filosofia e Teologia. Pesquisadora do Instituto de Pesquisa e Formação Educação e Religião (IPFER). Coordenadora de Ensino Religioso e de Pastoral Escolar Colégio Emilie de Villeneuve/SP. Autora de Ensino Religioso do Fundamental II e Ensino Médio da Rede Salesiana de Escolas e da Editora PIÁ/Curitiba, do Fundamental I.
soniadeitoz@gmail.com

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Este artigo é resultado da pesquisa desenvolvida no *Programa História e Concepções da Educação Religiosa, do projeto Fundamentos, Eixos e Metodologia para a Pastoral Escolar*. A pesquisa foi realizada pelo *Grupo de Pesquisa em Educação e Religião (IPFER)* com o intuito de compreender a dimensão do serviço da pastoral escolar, no espaço da escola católica, que tem a educação da fé como um meio para desenvolver o humanismo solidário.

O destaque fica por conta de uma leitura da sociedade brasileira que é pluralista nas suas expressões, o que exigiu repensar a relação entre o significado de ser cristão e o significado de ser cidadão. Para isso, tomou-se como referência Diogeneto escrita aproximadamente no ano 120 dC. A carta descreve o testemunho de um cristão anônimo que responde a uma indagação de Diogeneto, um pagão de cultura acadêmica que ansiava saber e conhecer melhor a nova religião que se espalhava nas províncias do império romano. Diogeneto mostrava-se impressionado pela maneira e a forma como os cidadãos, denominados cristãos, desprezavam os deuses do “mundo pagão”. E, principalmente, surpreendia-se pelo amor que uns demonstravam pelos outros e, por essa razão, perguntava-se: *que tipo de Deus era aquele em que depositavam tanta confiança? Que gênero de culto as pessoas lhe prestavam? E, especialmente, de onde vinha essa “raça” de pessoas? Seria uma “nova” raça de gente? Quais seriam as razões de só neste momento histórico aparecerem?*

No decorrer do texto demonstra e afirma que *os cristãos se distinguem não pelo modo de vestir ou por onde moravam, pois, eles estavam por toda parte. Mas, o diferencial estava em como viviam, em como assumiam a própria cidadania e por meio da qual se destacavam pela proposta e jeito de fazer a vida* (Diogeneto V 1-10).

A proposta de Diogeneto, de compreender que ser cristão é saber atuar com liberdade, está também colocada pela Declaração dos Direitos Humanos, em seu artigo décimo oitavo, ao afirmar que:

“(...) toda a pessoa tem direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião; este direito implica a liberdade de mudar de religião ou de convicção, tal qual, a liberdade de manifestar a religião ou convicção, sozinho ou em comum, tanto em público como em privado, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pelos ritos”. (Organização das Nações Unidas, 1948:18)

De fato, o Estado oferece a todos os seus cidadãos a máxima da autonomia, para que estes possam exercer o direito humano à liberdade e, dentre esses, também o da religião. No entanto, é necessário reconhecer que é preciso iniciar um processo educativo formal, ou escolar, que sirva de instrumento para a plena realização desses direitos, uma vez que o respeito pelas minorias é também uma questão de educação, ou seja, de reconhecer e respeitar a religião do outro. Assim, as pessoas aprendem a ver e a acolher as culturas diferentes das suas a partir de outra perspectiva.. Tomemos como referência mais atual Nelson Mandela que, na sua expressão, diz:

“Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor da sua pele, por sua origem ou, ainda, por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender e se pode aprender a odiar, podem também ser ensinadas a amar” (Nelson Mandela, 1995). (Sem aspas, espaço simples)

Esse processo de testemunho e serviço é com certeza também uma estratégia para o educar na fé. Porém, educar para a fé não é missão simples ou fácil. Ao contrário, é uma missão desafiadora e, por essa razão, exige coerência, testemunho e o próprio exemplo de ações e posturas daquele que pretende educar. Educar na fé é uma missão evangélica e está nos próprios fundamentos da Igreja

Católica Apostólica Romana. Ou seja, somente é possível constituir comunidades de vida cristã educando num tipo de fé e para fé que faça sentido ao cotidiano das pessoas. Em última instância é também desta educação que depende o amanhã do Cristianismo e de nossa Igreja.

Nessa perspectiva, é o sentimento da *Esperança* que sintoniza e faz elo entre a Teologia (os fundamentos da Fé) e a Pedagogia (práticas educacionais). Ou seja, tanto a Teologia como a Pedagogia buscam, na sua atuação, a pertinência do sentido da existência para o qual é necessário redimensionar a condição humana.

A Esperança do ser humano é o que torna visível e refaz a certeza do inacabamento e a possibilidade de recriação ou religação da humanidade dando sentido à existência de cada um, e que para o Cristão é a ligação com o projeto de Deus para a humanidade. Por isso, é necessário um conhecimento profundo sobre o pensamento histórico da Igreja Católica Apostólica Romana acerca da Educação e da formação humana. Apresenta-se também aqui a importância e a urgência da “Educação na Fé, pela Fé e para a Fé”, tratada mais adiante neste texto.

Para ilustrar, lembremos que recentemente, em um congresso de educação católica, realizado em Roma, o Papa Francisco fez um discurso de encerramento onde dizia que a

“Educação na fé, pela fé e para a fé é o jeito de educar da escola católica. Ou seja, educar cristãmente é levar aos jovens e crianças os valores humanos em todas as realidades, e uma destas realidades é a da transcendência”. (Sem aspás, espaço simples)

De fato, não se pode falar de educação católica sem falar de humanidade e humanização, pois a própria identidade católica é construída

a partir da convicção de um Deus que se fez pessoa.

Logo, educar cristãmente não é só fazer catequese, esta é só uma parte. Também não é fazer proselitismo — “nunca façais proselitismo nas escolas, nunca! Pois, educar cristãmente é levar aos jovens e às crianças os valores humanos, em todas as realidades, e uma dessas realidades é a transcendência”, disse ainda o Papa Francisco. É pela educação que se compreende e se conhece os ensinamentos da Igreja, as contradições da vida, e que aparecem novos questionamentos

Neste sentido, as vivências humanas para os educandos, fundamentadas na fé, pela fé e para a fé, devem ser escolhas reais e necessárias. Quem escolhe e quer ser reto, viverá de maneira reta, pois, como diz a Sagrada Escritura “diante de ti ponho a vida e ponho a morte, mas tens que saber escolher” (Deuteronômio 30, 19). A deliberação da escolha está e já é a capacidade de escolher a própria condição de colocar-se no mundo.

Podemos afirmar que as escolhas retas e as retas intenções impedem o que é nefasto ao desenvolvimento do ser humano. E que o educar na fé, pela fé e para a fé forma sujeitos íntegros, retos e que também sabem fazer escolhas de vida.

EDUCAÇÃO DA FÉ: O QUE É?

Inspirando-se em Jesus Cristo que é a “verdade”, ou seja, “verdadeiro” na sua atuação e testemunho, e anunciando-o explicitamente, a educação se tornará evangelizadora. Uma educação evangelizadora, na perspectiva cristã, é aquela que propõe, assume e conduz para uma liberdade libertadora. É um modelo de educação que precisa colocar-se e contribuir para uma (re)conversão do ser humano e que deve orientá-lo nesta busca da proposta

da libertação humano-cristã. Uma educação que se quer libertadora torna acessível ao ser humano a plena participação no mistério de Cristo ressuscitado, isto é, a uma comunhão filial com o Pai e a comunhão fraterna com todos os seres humanos e as demais criaturas.

Assim, urge uma verdadeira formação cristã sobre a vida, que considere todas as dimensões do ser humano e que corrija os desvios de certas informações. Uma verdadeira educação para a liberdade, como um dos valores fundamentais da pessoa, é hoje uma educação que se preocupa em educar para o trabalho, para o convívio na sociedade plural, para a autonomia no pensar e para o protagonismo.

Na ação da Igreja ocupa lugar prioritário a “evangelização”, como o testemunho e anúncio da verdade salvífica e dos valores correspondentes ao Projeto de Deus para todo e cada ser humano. A visão de Evangelização, Pastoral e Reino de Deus está intimamente relacionada com a ideia da comunidade daqueles e daquelas que, tendo acolhido o dom da fé cristã, assumem os compromissos batismais. Por essa razão vivem a filiação divina e a fraternidade evangélica e cooperam com Deus no estabelecimento do seu Reino mediante a Palavra, o Testemunho, a Comunhão Fraterna e a Ação.

Dentro desse referencial compreende-se o papel da educação, pois esta é com certeza a estratégia definida pela sociedade para conduzir cada indivíduo a desenvolver seu potencial criativo e ter a capacidade de se engajarem em ações comuns. No entanto, é necessário ressignificar constantemente essa relação. O processo de evangelização implica colocar-se ao lado da vida e da promoção da esperança, no sentido de esperar constantemente. O que significa também superar a dicotomia entre o saber e o fazer, que prevalece no mundo chamado de “civilizado”, como consequência dos paradigmas da ciência moderna e

que tanto penetrou nas ações pastorais da Igreja e das Escolas Católicas.

Evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Notícia a todos e fazer uma transformação a partir de dentro, o que leva a gerar a nova humanidade. Ou seja,

“Evangelizar é chegar a atingir e modificar, pela força do Evangelho, os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação”. (Paulo VI, 1975:18) (Sem aspas, espaço simples)

Nesse sentido, a Escola Católica é, como instituição, um território de Evangelização na e pela educação já que se constitui como um espaço de reflexão e de apoio para a atuação evangelizadora da Igreja. Assim, a escola, em seu todo, deve assumir a Evangelização na Educação, o que exige uma revisão e um redimensionamento da estrutura, da organização, dos conteúdos e da metodologia da instituição como tal. Essencialmente evangelizar consiste no anúncio de Jesus Cristo que se encarnou, morreu e ressuscitou para salvar a todos. E, como “Boa-Nova” do Reino, Jesus é o sinal do amor de um Deus que salva e liberta a pessoa e, por isso, é uma presença vitoriosa na humanidade. Assim, “é preciso ter consciência que a atuação atualizada e inserida nas sociedades da ação evangelizadora da Igreja, portanto da escola católica também, é que realiza a missão de Jesus”. (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 1995).

Tal processo tem por finalidade primeira e precisamente a mudança interior. A Igreja, por meio de sua ação, que também se torna função da Escola Católica, procura redimensionar ao mesmo tempo a consciência pessoal e coletiva de cada pessoa. Ou seja, assume o desafio de modificar, pela força do Evangelho,

os critérios de julgar, os valores que contam, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade, que se apresentam em contraste com a Palavra de Deus e com o desígnio da salvação.

No entender de Paulo VI, em sua exortação na *Evangelii Nuntiandi*,

“Todo aquele que é evangelizado assume o compromisso de evangelizar, pois se torna inconcebível uma pessoa que tenha acolhido a Palavra e se tenha entregado ao Reino sem se tornar testemunha e agente transformador, através da ação e do anúncio desta proposta.” (Paulo VI, 1975:17) (Sem aspás, espaço simples)

Nesse aspecto, a ação evangelizadora da Igreja inspira-se na ação evangélica do “Bom Pastor”. Pois, é na imagem do bom pastor que a Palavra se fez anúncio, se fez Evangelho em ação. Nele não há distância e muito menos separação, entre palavra e ação, pois, o seu agir libertador vem confirmado e explicitado pela sua pregação. Ou seja, na figura do bom pastor a Palavra adquire teor profético e seus gestos mostram a presença real do Reino que Deus quer para todos.

Logo, o modo mais completo e perfeito de evangelizar é o testemunho de vida e de fé no projeto de Deus para a humanidade. O que faz com que evangelizar torne-se significativo e desafiador, pois aqueles que aderem a tal proposta devem reescrever o Evangelho com sua atuação neste mundo, para que nele se reconheça que Deus continua a sua obra de salvação. O que faz com que “a presença da Igreja no mundo deve ser expressa com sinais e gestos proféticos, que indiquem a vitória do Reino de Deus sobre as potências que destroem o homem, assim como se realizou em Jesus, o Cristo”. (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, 1995:64).

A Escola Católica, assumindo tal missão, deve

ter um *Projeto Educativo* inspirado no Evangelho e que possa ser refletido e assumido por todos. Enquanto espaço de liberdade, tem como uma de suas dimensões fundamentais a expressão dos valores evangélicos praticados, intuídos e aceitos. O que significa que, se a escola é o lugar de liberdade para aceitar ou questionar, já é normal que a Pessoa e o Evangelho de Jesus Cristo sejam anunciados explicitamente.

Para tal, a escola é chamada a crescer na leitura e no aprofundamento da Palavra de Deus e nos ensinamentos da Igreja, para que a atuação direta de cada pessoa-cristão na sociedade seja motivada por uma caridade evangélica a fim de solidariedade, justiça e paz. Aos que se dizem seguidores de Jesus, portanto, é dado, por condição de ser cristão, sempre um diálogo fraterno com todos e uma prática dos valores evangélicos que refletem a ação de Deus.

À Escola Católica é pedido o anúncio da mensagem sempre nova do Evangelho de Jesus Cristo, que revela a todos o amor gratuito e misericordioso de Deus e de onde nasce a “exigência de viver sempre mais este dom, superando os bloqueios que dificultam, individual e comunitariamente, para que se possa assumir verdadeiramente o papel de uma real evangelização neste contexto” (Mendes, 1997).

DIMENSÃO DO SERVIÇO: HUMANISMO SOLIDÁRIO

Na Escola Católica a própria figura de Jesus como Mestre integra, na perspectiva bíblica, o caminho com Deus e para Deus. Ou seja, assim como Jesus transmitia ao povo os caminhos da fé, é necessário que a escola católica o faça, porém com uma autoridade diferente dos escribas e fariseus (Marcos 1,22; Mateus 7,29). A diferença fundamental está no ensi-

nar não por teorias, mas, fundamentalmente por práticas (1Coríntios 2,13). “Jesus fez e ensinou ...” (Atos dos Apóstolos 1,1).

A proposição desse processo de evangelização é de que a educação está a serviço de um “aprender” que se radica na liberdade da pessoa e culmina na abertura a uma nova ordem social humanizadora. Uma abertura que faz o ser humano transcender a si mesmo e a descobrir o Ser Supremo, o que dá sentido à sua vida e que, ao estabelecer com Ele uma relação vital, aprende a lhe ser fiel e a defender e promover o outro.

Efetivamente compreende-se que na Escola Católica é a Pastoral Escolar que, com uma equipe especializada, articula, assume e promove a tarefa básica de garantir com prioridade e cuidar da vivência cotidiana dos valores evangélicos e pelos quais deve se reger o conjunto todo da escola. Verificando que as atribuições podem variar conforme o planejamento escolar, pois entre as tarefas necessárias à escola, será pertinente que a Pastoral Escolar tenha métodos adequados e uma linguagem apropriada ao seu contexto.

Para entender a questão da abrangência da pastoral é preciso assumir que ela sempre diz respeito a sujeitos concretos em suas particularidades e ambientes. Se não mantiver uma postura de face a face com sujeitos concretos, a pastoral, de modo geral, se tornará anônima no serviço de cuidar e fará jogos de cena, tornando-se despersonalizada, invisível, subjugada, ou apenas tarefaira.

O diferencial da Pastoral Escolar ocorre em despertar para o compromisso evangélico na comunidade escolar, especialmente em decorrência da condição plural da sociedade que representa hoje uma nova forma de viver em meio ao pluralismo. O que é possível executar em uma proposta de *Escola em Pastoral* é uma expressão que visa exatamente propor a assu-

mir uma atitude de dinamismo para todas as atividades da Escola. Pois, de um modo ou de outro, toda ação na escola que representa diferentes formas do cuidar é subdividida em diversas formas de serviços. Ou seja, é uma postura do todo da escola que a faz ser em pastoral.

No entanto, verifica-se que a pastoral escolar é conseqüentemente uma instância destinada a subsidiar a escola em sua organização e desempenho de seus membros para que possa cumprir bem o serviço evangelizador implícito. Porém, no contexto da escola a pastoral é compreendida como um conjunto orgânico de estruturas educacionais necessárias para levar à prática um projeto educativo em determinados níveis evolutivos da pessoa e dos grupos que se constituem. Quando esse projeto educacional assume uma intenção de cuidar, sob uma perspectiva eclesial, então se diz ser uma “escola católica” e pode-se dizer que é uma escola em pastoral.

Assim, para responder à comunidade, a escola precisa de uma organização, de uma certa infraestrutura, um plano de atuação e o planejamento para suas ações. Cada serviço que compõe a escola também se orienta por uma organização, dentro de outra própria e de um planejamento de atuação específico, o qual deve ser para a Pastoral Escolar.

Podemos dizer que a Pastoral Escolar se destaca na dimensão do SERVIÇO que explicita espaços de partilha, de aprofundamento e de experiências. Na dimensão solidária é fundamental envolver alunos, professores, pais, comunidade desde o planejamento até a operacionalização. Estes precisam saber com clareza os motivos que levam a celebrar tal fato ou data, para que o motivo perpassa como um espaço de evangelização da própria Igreja. Ou seja,

“realiza uma investigação iluminada pela mensagem evangélica, que põe as novas descobertas humanas a serviço dos indivíduos e da comunidade; oferece um ensino no contexto de uma fé que forma bons homens e boas mulheres capazes de juízo crítico e consciente da transcendência da dignidade da pessoa humana; seleciona profissionais capazes de incorporar valores éticos e autênticos no espírito de serviço; dialoga com as culturas, para que a fé possa melhor inculturar-se; elabora uma teologia plenamente atualizada, que responde às aspirações, das gerações hodiernas”. (João Paulo II, 1990:49) (Sem aspas, espaço simples)

A oportunidade desse tipo de SERVIÇO, principalmente quando ele pode aplicar seus conhecimentos específicos, pode ser inclusive uma oportunidade de conversão, diante de realidades que propõem questionamentos fortes sobre o sentido da vida.

A dimensão do SERVIÇO é a ação articulada que explicita a identidade da escola. E para a escola católica, a partir do aprofundamento e da consciência da importância da reflexão e da oração, a fé é demonstrada quando esta consegue perpassar em suas atividades cotidianas. Para isto, intencionalmente é necessário deliberar espaço físico, mas fundamentalmente de horários, que ofereça aos membros da comunidade oportunidades de refletir e rezar o Evangelho e de entender a Doutrina que rege a Igreja e a Escola Católica. Já que também se compreende que de fato a Escola é por definição um dos lugares de iniciação cultural e hoje também religiosa.

Nesse sentido, é preciso ter clareza e reavaliar a relação entre cultura religiosa e catequese e traduzir de maneira nova a articulação entre a necessidade de apresentar aos alunos o conhecimento de religiosidades e a importância do testemunho de fé. Por essa razão “é também indispensável à complementaridade entre a escola e a paróquia, como o de escolher professores e profissionais aptos a fazer desses estabelecimentos escolas de cresci-

mento espiritual e cultural”. (Conselho Pontifício da Cultura 1999:30)

EXERCÍCIO DO SERVIÇO NA ESCOLA CATÓLICA

A Escola Católica é um espaço de Igreja, portanto espaço de evangelização, realizar tal ação é desafiador, sobretudo nestes tempos em que se misturam certas indiferenças religiosas com um movimento crescente de desejo do transcendente. Da, a necessidade de uma redescoberta da dimensão de fé na própria vida, para que esta possa alimentar e sustentar a esperança no projeto proposto por Jesus.

Neste contexto, a Escola Católica propõe seu Projeto Pedagógico-Evangelizador e busca favorecer a humanização do ser humano para nele criar o lugar onde possa revelar-se e ser também escutada a Boa-Nova. O Projeto Pedagógico-Evangelizador integra a dinâmica do cotidiano educativo no processo social e, ao ser impregnado por uma cultura, nele coexistem valores e contra valores, luzes e sombras. Pois, para que seja verdadeiramente participante e fraterno um Projeto Pedagógico-Evangelizador deve exercer a função crítica, própria de uma educação católica fundamentada na doutrina social da Igreja e dos princípios culturais de uma integração social que possibilita a criação de uma nova sociedade.

Especificamente a dimensão do SERVIÇO da pastoral escolar na escola passa por estudos, reflexões e práticas articuladas no exercício que se dá nos grupos organizados; nos diversos momentos e situações de reuniões pedagógicas; nos diferenciados ambientes do espaço escolar; na visibilidade concreta do exercício da pastoral; numa política da instituição que garante intencionalmente a presença e o trabalho da pastoral escolar; na qualificação dos educadores para a dimensão da pastoral; dentre outros mais.

No entanto, a diversidade das formas da ação pastoral, ou as atividades evangelizadoras têm ocupado espaços para além de uma única disciplina, como o ensino religioso, ou de momentos catequéticos e hoje abrange espaços de convívio e testemunho que permeiam a ação educativa em todos os ambientes e momentos da escola.

No entanto, ainda é necessário avançar para educar na fé, pela fé e para a fé. É necessário, para isso de maior preparo dos que trabalham com a pastoral e de um interesse deliberado intencionalmente por parte das instituições para formar agentes de pastoral. Pois, é a ação da Pastoral Escolar que garante a identidade da escola católica em meio à diversidade e pode salvaguardar um carisma institucional.

É fato que há uma preocupação com o planejamento pastoral o que indica que a evangelização na escola está colocada em pauta. Ou seja, de uma ação que partia de referenciais da uma ação pastoral paroquial, passou-se a uma ação própria da conjuntura pedagógica do ambiente escolar. Assim, as diversas variantes que interferem na ação da Pastoral Escolar ainda buscam uma atuação que lhe seja própria e específica e possa então garantir um tipo de educação da fé que promova o humanismo solidário.

Há sim um processo de maturação na forma como entender e lidar com as diferenças, que atualmente são marcadas mais pelo testemunho do que pelo discurso ou apenas em documentos escritos. Nessa perspectiva, a escola católica, desde a própria Congregação para Educação Católica, tem sido um espaço e assumido uma postura de acolhimento, aceitação, cuidado e diálogo com as diferenças, como oportunidade de aprofundamento e crescimento na sua ação histórica cristã.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma educação da fé a partir do humanismo solidário pede que as Escolas Católicas melhor realizem sua missão eclesial. Atualmente a escola católica, no seu caráter religioso confessional, abriu espaço para o caráter pedagógico, sociológico e cultural. O que antes era apenas atividades litúrgicas passou para formação de grupos de jovens, ações solidárias, formação dos educadores, participação da e na comunidade.

É assim que o objetivo de nossa pesquisa, e agora desta publicação, constata a incidência do trabalho com o conteúdo “diversidade”, no componente curricular Ensino Religioso, e a relação de crianças e adolescentes com diferentes concepções e posturas frente à vida. A partir das Diretrizes Curriculares de diferentes regiões do país, e em conformidade com a Base Curricular Comum Nacional (BNCC), o projeto *Fundamentos, Eixos e Metodologias para a Pastoral Escolar*, demonstrou que o trabalho com a diversidade religiosa favorece a crianças e a adolescentes a fazerem uma inserção e terem relações sociais mais participativas e responsáveis.

No aspecto da Pastoral Escolar, o trabalho com o “educar na fé, pela fé e para a fé” demonstrou que a percepção, a troca e a convivência, com diferentes manifestações de religiosidade, transformaram-se em espaço subjetivo de aceitação do outro e de respeito às alteridades nas crianças e adolescentes de diversas unidades da educação católica. A consequência imediata foi o envolvimento maior, tanto pessoal como coletivo, com causas que levam a transformações de práticas e posturas, no que concerne à convivência com o outro e com o diferente.

O SERVIÇO da pastoral desencadeado nos espaços de *Grupos*: grupos de catequese, de Jovens, de Crisma, de Liturgia, de Voluntariado; de *Reuniões pedagógicas*: onde as reflexões e ações concretas garantem os valores

essenciais da escola; de *Forma de Gestar*: pessoas e ambientes educativos; de *Clareza da dimensão Pastoral Escolar* para todos na escola; de *Política da Instituição* que garante a pastoral escolar para além de documentos e falas dos gestores em geral; de *Qualificar Educadores* quanto a assuntos específicos da pastoral, como: liturgia, bíblia, discussão de documentos eclesiais, carisma da congregação; de *Contratação de Profissionais da Pastoral*: pessoas que entendem dos processos; dentre outros, que podem ajudar e capacitar educadores e educandos no exercício do humanismo solidário e, ao mesmo tempo, fazer um processo de educação na fé que contribua com indivíduos e instituições e leve ao fomento de uma sociedade que seja mais acolhedora, integradora e justa.

REFERÊNCIAS

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil – 1995-1998, Documento n. 54, São Paulo: Paulinas, 1995, nn. 64-68.

CONSELHO PONTIFÍCIO DA CULTURA. Para uma pastoral da cultura. São Paulo: Paulinas, 1999, n. 30.

DIOGENETO. Carta. In. Biblioteca virtual de Direitos Humanos da Universidade de São Paulo. Consultado em 27/07/2017 às 15:10 - <http://www.direitoshumanos.usp.br/index.php/Documentos-antecedentes-%C3%A0-cria%C3%A7%C3%A3o-da-Sociedade-das-Na%C3%A7%C3%B5es-at%C3%A9-1919/carta-de-diogneto.html>

JOÃO PAULO II. Constituição Apostólica: Ex Corde Ecclesiae, obre As Universidades Católicas, 1990.

MANDELA, Nelson. Long Walk to Freedom, 1995.

MENDES, L. Estamos a caminho, in: Boletim, AEC – Rio de Janeiro, 1997, no. 16.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS – ONU. Declaração dos Direitos Humanos, 1948.

PAPA FRANCISCO. Congresso de Educação Católica, Roma, dezembro 2017.

PAULO VI. Exortação Apostólica sobre a Evangelização no mundo contemporâneo – Evangelii Nuntiandi. São Paulo: Paulinas, 1975.



ARTIGO

Título:

Escola Em Pastoral: um olhar a partir de relatos de experiências das equipes de Pastoral das Escolas Católicas Associadas à ANEC do Distrito Federal

Maria Margarida Farías Cunha

Álvaro Fernando Loureiro da Silva

Roberta Guedes

RESUMO

O presente artigo foi elaborado a partir dos relatos de experiências das equipes de pastoral das escolas católicas associadas à ANEC DF: Sagrada Família, Centro Educacional Católica de Brasília, Madre Carmem Sallés, Marista Champagnat Taguatinga e Marista de Brasília Asa Sul. Tem como objetivo tecer um breve painel relatando as atividades realizadas sobre o tema Humanismo Solidário, trazendo à baila o claro esforço das equipes de pastoral para integrar a pauta pastoral a prática pedagógica das instituições de ensino. Destacam-se, ao longo do texto, aspectos que nortearão o olhar sobre as experiências relatadas, a centralidade da pessoa de Jesus Cristo na missão educativa das escolas católicas, os temas atuais que as desafiam e os avanços que ainda precisam ser feitos. As experiências foram realizadas nas escolas para trabalhar a temática do humanismo solidário.

Palavras-chave: Humanismo Solidário. Escola em Pastoral. Escola Católica.

MARIA MARGARIDA FARIÁS CUNHA

Coordenadora da Equipe de Pastoral – Colégio Marista de Brasília

ÁLVARO FERNANDO LOUREIRO DA SILVA

Coordenador Equipe de Pastoral – Colégio Marista de Taguatinga

ROBERTA GUEDES

Possui graduação em História pelo Centro Universitário Salesiano - UNISAL. Especialista em Tecnologia Educacional pela PUC PR. Especialista em Gestão Educacional pela PUC RS Especialista em Processos Acadêmicos pelo UniProjeção. Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília. Doutoranda em Ciências Sociais no UniSinos de São Leopoldo Rio Grande do Sul. Membro do Grupo de Pesquisa Currículo e Interdisciplinaridade na Formação Docente do CNPQ/UniProjeção. Experiência de 22 anos na educação básica, exercendo as funções de professora, coordenadora pedagógica e direção educacional. Atua há 10 anos no ensino superior como docente na Graduação e Pós-Graduação e coordenadora pedagógica dos cursos de Pedagogia, Direito e Letras do UniProjeção. Foi analista educacional da Rede Marista da Província Centro Norte. Atualmente é gerente educacional

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A escola católica é lugar propício à evangelização. Destaque-se que, como instituição educacional privada, recebe famílias de outras confissões religiosas, o que se dá por sua tradição de excelência acadêmica e, provavelmente, pela aderência de sua proposta educativa a valores humanos universais e necessários à convivência em sociedade. Contudo, esta prática evangelizadora é cada vez mais chamada a testemunhar a perspectiva da Igreja para o mundo, sem criar constrangimento àqueles que, mesmo não aderentes ao catolicismo, aceitam educar-se em ambiente católico.

Temas como a solidariedade, a sustentabilidade, as múltiplas diferenças sociais e culturais, o diálogo em todas as suas esferas, entre outros fazem parte da proposta educativa católica. Os dias atuais são marcados pela complexidade, pela fluidez das relações, pela imprevisibilidade e pela velocidade com que tudo acontece, colocando em discussão a ética de nossas decisões, seja na esfera individual, seja na esfera coletiva.

Nesse contexto, formar pessoas comprometidas com as mudanças sociais e não repetidoras de um processo excludente, torna-se urgente. Mesmo diante da afirmação da cultura do consumo, da ideologia do conflito, do pensamento relativista faz-se necessário HUMANIZAR A EDUCAÇÃO, ou seja, torná-la um processo em que cada pessoa possa desenvolver atitudes fraternas, uma vocação para a justiça e, assim, contribuir para a vocação da própria comunidade à luz da solidariedade. Nesse sentido, a escola católica, em seu currículo, precisa colocar a pessoa no centro da educação, potencializar sua comunidade educativa de forma que seja viva, interdependente, vinculada a um destino comum e que contemple a cultura do diálogo desenvolvida em conjunto com um quadro de valores. Por isso, é importante que as ações pedagógico-pastorais-evangelizadoras sejam proféticas e con-

templem a globalização da esperança, a inclusão, especialmente do diferente e a participação em redes de cooperação que são os elementos constitutivos da *educação para o humanismo solidário*.

Portanto, a comunidade escolar não só precisa ter contato com atividades pedagógico - evangelizadoras – pastorais em seu currículo que potencializem a experiência de uma educação integral e pautada em competências acadêmicas, mas também sócio- emocionais e, não somente mercadológicas. Assim, a escola católica acredita no currículo evangelizador, centrado na missão de Jesus Cristo, onde há proposta de uma escola em pastoral, que caminha em consonância com as ações pedagógicas e não seja apenas uma retórica, mas que possibilite aos estudantes, por meio dos diversos componentes curriculares e projetos desenvolvidos, a experiência do compromisso cristão com um mundo mais justo e fraterno.

Segundo o Documento Educar ao Humanismo Solidário: “a educação para o humanismo solidário deve então começar a partir da certeza da mensagem de esperança contida na verdade de Jesus Cristo... Globalizar a esperança é a missão específica da educação para o humanismo solidário” (DOCUMENTOS DA IGREJA, n. 41. p, 22, 2017). Assim, educar para o humanismo solidário é um jeito de ser e de estar no mundo a partir da postura de Jesus Cristo, é uma condição de lucidez que atende às necessidades dos tempos atuais (cuidado, compromisso com a inclusão social, qualidade de vida e consciência planetária, cultura do diálogo, globalizar a esperança, por uma verdadeira inclusão e redes de cooperação).

A seguir são apresentados os relatos de experiências das equipes de pastoral das escolas católicas associadas à Associação Nacional de Educação Católica - ANEC DF: Sagrada Família, Centro Educacional Católica de Brasília, Madre Carmem Sallés, Marista Champag-

nat Taguatinga e Marista de Brasília Asa Sul.

RELATOS DE EXPERIÊNCIA

Colégio Sagrada Família - SAFA

Nos Jogos Internos do Centro Educacional Sagrada Família, SAFA, Asa Norte, como já é tradicional, acontece a arrecadação de alimentos e agasalhos. Essas doações feitas de forma generosa, demonstram como os estudantes e suas famílias possuem um espírito fraterno e de solidariedade, vivido na escola como “espírito de família”.

Depois da arrecadação, todas as doações são entregues às instituições sociais do Distrito Federal. Uma dessas entregas foi realizada por uma turma de vinte estudantes do 6º Ano que visitou, no dia 10 agosto, a Creche Centro Socioeducativo Santo Aníbal Maria, localizada no Guará II.

Na ocasião realizaram a entrega de doações para as crianças daquela Instituição. Mas, a melhor parte da visita ficou reservada para a integração entre os dois grupos: os alunos do SAFA e os alunos da creche. Divididos em trios, os estudantes do Safa participaram de algumas atividades da rotina das crianças da creche, tais como: brincadeiras nas salas de aula, na quadra de esportes e ajudando a servir o lanche para as turmas no refeitório. Aproveitaram a tarde para brincar, relacionar-se e fazer novos amigos.

Uma surpresa ficou reservada para o final da atividade: um grupo de crianças da creche cantou a música Amiguinho que emocionou a todos os visitantes. Estes por sua vez, mostrando a reciprocidade e a integração, entraram no ritmo musical e formaram um só coro. E, para concluir a visita, a senhora Diane, responsável pela creche, conversou com os estudantes do SAFA mostrando como a insti-

tuição necessita de doações e como recebe de muito bom grado aos estudantes que visitam os visitam.

Em síntese, os estudantes voltaram com essa bela experiência de solidariedade, doação, humanismo e amor. Tudo isso nos relembra as palavras do Mestre Jesus Cristo: “eu vim para servir... Grande é aquele que serve”.

Centro Educacional Católica de Brasília - CECB

O Centro Educacional Católica de Brasília entende que humanizar a educação significa colocar a pessoa no centro da educação, num quadro de relações que compõem uma comunidade viva, interdependente, vinculada a um destino comum. É dessa maneira que a instituição busca inserir os seus colaboradores, os alunos e os familiares como protagonistas desse processo.

Os projetos e ações são fundamentados na proposta pedagógica e no documento “Diretrizes de Pastoralidade da UBEC”, assumindo na prática diária a missão institucional de: “servir a sociedade com educação de qualidade, com base nos princípios cristãos, onde os valores humanos são considerados em todas as realidades”.

Com isso, é desenvolvido, como unidade de missão, projetos alinhados ao Cenário Atual, Humanização da Educação, à Cultura do Diálogo e à Globalização da Esperança.

O Projeto SOMAR visa a garantir momentos de escuta, fala e reflexões acerca da solidariedade e do cuidado com o outro. Aborda valores morais e éticos, compreendendo o estudante como sujeito e protagonista de seu processo de aprendizagem. Desenvolve a formação de pessoas compromissadas com a justiça

e com a transformação para uma sociedade mais justa e humana, a partir de uma experiência de voluntariado como espaço de formação para a cultura da solidariedade. Tem como uma das principais linhas de ação o cuidado com o outro, atuando em algumas realidades sociais presentes no DF e assumindo o papel de protagonista.

O projeto SOMAR envolve professores, estudantes, equipe de pastoral e equipe pedagógica. Assim, os estudantes do Ensino Médio, em visitas a algumas instituições, confeccionam e doam kits de páscoa, participam da campanha do agasalho, arrecadam alimentos, brinquedos, entre outros e desenvolvem algumas oficinas e dinâmicas com as crianças.

Colégio Madre Carmen Sallés

Conforme o ACNUR (Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados), nos últimos cinco anos, mais de três milhões de venezuelanos, motivados pela forte crise que abala a Venezuela, saíram do país. Destes, em torno de duzentos mil entraram no Brasil. Só o estado de Roraima recebeu mais de quarenta mil.

A Rede Concepcionista de Ensino solidariizou-se com a situação dos refugiados e fez uma campanha nos Colégios Concepcionistas do Brasil, envolvendo os alunos e os familiares desde a Educação Infantil até o Ensino Médio.

A Equipe de Pastoral de cada Colégio Concepcionista encarregou-se de motivar e trabalhar a problemática dos refugiados junto aos professores, aos alunos e aos pais. Como parte da motivação e incentivo na colaboração, os professores de Ensino Religioso e outras disciplinas trabalharam com vídeos, reportagens sobre as causas e as consequências da migração em massa, além de produções de textos e outros.

Proporcionando a vivência do amor ao próximo, os professores de Ensino Religioso do Colégio Madre Carmen Sallés lançaram o convite aos alunos de “Colocar-se no lugar do outro”, já que os refugiados não migram por prazer, mas por necessidade de sobrevivência da família.

Os alunos abraçaram essa causa e trouxeram discussões a respeito de inflação, bolívar (moeda venezuelana), questões políticas, sociais e econômicas. Além disso, foram convidados a serem solidários por meio de doações em dinheiro.

Os estudantes receberam um envelope para sua doação e espontaneamente colocaram na urna solidária. As doações foram destinadas à Instituição Pastoral dos Migrantes da capital Boa Vista, Roraima, que trabalha diretamente com os refugiados. As doações totalizaram o valor de dezoito mil reais e esse dinheiro foi revertido para compras de itens básicos como alimentação e aluguel de moradia para famílias com crianças. A comunidade educativa do Colégio Madre Carmen Sallés tem a certeza que juntos somos mais.

Colégio Marista Champagnat Taguatinga

Na proposta da Missão Marista de Solidariedade, os missionários do Colégio Marista Champagnat Taguatinga atuaram na Região Administrativa de São Sebastião, numa parceria com o Centro de Formação Humana Raio de Luz, projeto da Cáritas Regional que atua ao longo dos três anos em uma determinada coirão para as comunidades onde poderão se deparar com o excesso de problemas e a deficiência de serviços essenciais para uma vida digna. Nesse sentido, a Missão abre um leque enorme de possibilidades evangelizadoras, educacionais e solidárias.

Sensibilizados com os problemas sociais enfrentados pelos pobres nas cidades e no campo, o missionário, educador e cidadão consciente, tem na comunidade educativa a possibilidade de atuar de forma sistêmica, com programas educativos, preventivos nas áreas de saúde, lazer, formação pastoral e educativa.

A MMS deve ser a concretização de um currículo a serviço da vida que supõe a realização de projetos comunitários, como exercício para o desenvolvimento do senso de responsabilidade, cuidado, aprendizado multidisciplinar e empreendedorismo.

Enfim, “convidamos a todos vocês, que trabalham em nossos centros educativos e centros sociais, para que animem os seus alunos a transformar seus corações, suas vidas e atividades, a fim de crescerem como pessoas comprometidas na construção de uma sociedade justa e solidária, no respeito à vida, conscientes da ecologia, em vista de conseguir um mundo melhor e sustentável. Ir para uma nova terra tem implicações: partilhar a responsabilidade pela missão, dar prioridade à evangelização, viver a opção pelos pobres e transmitir o carisma a uma nova geração de educadores.” (XXI CG, 2009. p 14).

Colégio Marista de Brasília – Asa Sul

O Orçamento da Criança e do Adolescente - OCA é um projeto desenvolvido pelos alunos do Ensino Fundamental Anos Finais. Tem como pressuposto que as políticas sociais são decisões essenciais para uma sociedade justa e solidária. E, para tanto, a definição do orçamento público destinado a essas políticas é o instrumento mais efetivo para se garantir o que se pretende.

Portanto, tem como objetivo conscientizar sobre questões financeiras nos âmbitos fami-

liar, escolar e esfera pública. A proposta é fundamentada na ideia de que o jovem marista, com sua formação integral e cristã, possa entender que quando se discute orçamento, não estamos nos referindo apenas ao dinheiro, mas também às pessoas, aos valores cristãos, à solidariedade e à formação baseada no bem comum, ou seja, no cuidado com a casa comum, que é o planeta.

O projeto OCA encontra-se na sua sétima edição, atinge 250 alunos do 8º ano do Ensino Fundamental, com faixa etária entre 12 e 13 anos, tem a participação dois professores titulares do ano citado, uma gerente do administrativo da escola, núcleos pastoral e psicopedagógico.

Ele acontece durante o ano inteiro. Inicia-se com o estudo do Estatuto da Criança e do Adolescente, com foco na questão do orçamento destinado às infâncias, adolescentes e juventudes e como esse orçamento chega a essas instâncias. O trabalho é desenvolvido em três frentes: compreensão do orçamento familiar, do orçamento escolar e do orçamento na esfera pública. Essa compreensão deve ser construída com a ajuda de diversos atores da escola, da sociedade civil e da esfera governamental. O projeto é transversal com as áreas: matemática, DAPS (desenvolvimento acadêmica pessoal e social), gerente do administrativo da escola e tem um marcador: uma assembleia que é totalmente protagonizada pelos alunos e acontece ao final do processo.

No início do ano, constitui-se um grupo de trabalho (GT) composto pelos alunos do 8º ano, que ficam à frente de todo o processo, desde a organização das atividades referidas ao projeto até a realização da assembleia, na qual os alunos apresentam a reflexão de todo o processo.

Como ação do projeto, nas aulas de Desenvolvimento Acadêmico Pessoal e Social -

DAPS, acontece um pequeno jogo, feito pelos próprios alunos do GT e professores, em que as turmas se dividem em famílias fictícias e precisam administrá-las financeiramente, pensando não apenas em custos, mas também na felicidade e na formação humana daquela família. São famílias de diferentes classes sociais.

Durante o processo, acontece um dia de formação para cada turma. Esse dia começa com uma visita ao Senado Federal ou Câmara dos Deputados, onde os alunos conversam com profissionais que trabalham com a Comissão de Orçamento das respectivas Casas Legislativas para entenderem como funciona o orçamento em âmbito federal. Os alunos visitam uma ONG, que precisa administrar o orçamento para se manter. Também visitam famílias com baixa renda para entenderem como eles administram suas vidas, a partir do seu orçamento. Depois desse momento, os estudantes vão para a chácara da escola, onde organizam as informações para o debate na assembleia.

Na assembleia do OCA, todas as turmas que participaram do processo se reúnem com o objetivo de discutir tudo o que foi falado ao longo do projeto. O GT prepara falas sobre assuntos correlatos ao orçamento como: educação financeira, consumismo, propaganda e marketing e a importância do OCA; recebem especialistas e convidados que tratam do assunto de forma reflexiva com os alunos.

Essa atividade contribui com a conscientização dos alunos e a participação financeira deles em casa, na escola e principalmente como cidadãos. O aluno se sente parte de um sistema muito maior e percebe que falar de orçamento é aprender outra forma de enxergar a vida e os outros. Torna-se mais consciente em relação à maneira como trata seu material escolar, os espaços da escola, seu uniforme e os recursos naturais.

Quando falamos de um aluno Marista, pensamos em um aluno comprometido com a sociedade, que entenda que o dinheiro proporciona oportunidades e o ajuda a se tornar uma pessoa melhor. E ao assumir o papel de uma família de classe C, por exemplo, ele se coloca no lugar das pessoas que têm uma renda mensal, às vezes, menor do que o preço do seu celular. A nossa vida muda quando a gente se deixa interpelar por situações desafiadoras. Esse espanto e as reflexões decorrentes geram tomadas mais conscientes de decisões financeiras. O Colégio Marista acredita que isso ajuda na formação dos adolescentes.

A construção do projeto a cada ano com os alunos, nos leva ver o potencial da atividade no que se refere ao protagonismo dos estudantes e a capacidade de envolvimento e mobilização quando eles protagonizam uma ação.

Outro aprendizado é que eles trazem a reflexão do processo que estão vivendo para própria vida. Aprendem a valorizar seu dinheiro, percebem que o consumismo exagerado não é necessário, aprendem a cuidar dos espaços da escola, percebem como muitas crianças, adolescentes e jovens vivem nesse país com condição precária e com tantas desigualdades sociais. E, o desafio a cada ano, é fazer com que os alunos sejam multiplicadores dessa reflexão na família e com seus pares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento integral do ser humano e a interdependência global perpassam a proposta dessas orientações e se manifestam na prática educativa das instituições católicas que mantêm vivo o Carisma de seus fundadores.

São nas pequenas ações, na forma como conduzimos as atividades em sala de aula e

nos projetos que realizamos nas escolas que tornamos Jesus Cristo vivo na ação pedagógica.

Por isso, trabalhar o humanismo solidário é encharcar o currículo de vida em abundância, na crença de que no espaço escolar é possível tecer relações fraternas, solidárias, de protagonismo e políticas que conduzam à Pedagogia da Esperança e que leve a inclusão de todos sem distinção e a construção de redes de colaboração

REFERÊNCIAS

Concílio Ecumênico Vaticano II, Constituição Pastoral *Gaudium et spes* sobre a Igreja no Mundo Actual, p. 4-5, 1965.

EDUCAR PARA O HUMANISMO SOLIDÁRIO. Para Construir uma civilização do Amor. Edições CNBB. Brasília, 2017

Pontifício Conselho «Justiça e Paz» , *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*. Vaticano, p.167, 1967.

Paulo VI, Carta Encíclica *Populorum progressio*, Vaticano, 1967.



ARTIGO

Título:

Curta Na Educação: promovendo Fraternidade E Cidadania no Rio Grande Do Sul

Harlei Antonio Noro

Alcione Müller

RESUMO

O artigo tem como tema o projeto Curta na Educação da Associação Nacional de Educação Católica e da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Tem por objetivo refletir sobre a temática proposta pela Campanha da Fraternidade, ajudar no desenvolvimento do pensamento crítico e no exercício da cidadania. O método baseia-se na reflexão sobre o tema gerador, exame das responsabilidades dos poderes públicos e apresentação de propostas para a elaboração de políticas públicas. Os resultados mostram a realização de edições temáticas anuais com encontro de abertura, atividades nas escolas e audiências públicas. Consideramos que o projeto estabelece uma relação de parceria entre as diferentes instâncias relacionadas à Educação no Rio Grande do Sul, o Poder Público e a Sociedade Civil na defesa dos direitos humanos e na promoção de uma vida mais digna para todos.

Palavras-chave: Educação. Fraternidade. Cidadania. Curta na Educação.

HARLEI ANTONIO NORO

Mestre em Teologia e Especialista em Direitos Humanos pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul; graduado em Filosofia pela Universidade São Francisco; graduado em Teologia e Ciências Jurídicas e Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

harlei@hotmail.com

ALCIONE MÜLLER

Mestre em Educação e graduado em Filosofia pela Universidade La Salle. Coordenador de Pastoral da Universidade La Salle.

alcione.muller@unilasalle.edu.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O Projeto Curta na Educação (CURTA NA EDUCAÇÃO, 2016), instituído por iniciativa conjunta da Associação Nacional de Educação Católica (ANEC) e da Comissão de Cidadania e Direitos Humanos da Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul (CCDH) é operacionalizado por meio do Grupo de Trabalho Interinstitucional (GTI), que congrega, além dos organizadores, representantes das Instituições parceiras e pessoas voluntárias. O Projeto é realizado com o intuito de mobilizar crianças, adolescentes, jovens e adultos, de todas as redes de ensino, por meio da reflexão e da ação voltadas para questões de relevante interesse social, a partir da proposta anual da Campanha da Fraternidade (CF), propiciando o desenvolvimento do pensamento crítico e o exercício da cidadania.

O Curta na Educação é marcado por duas estratégias que estão na base de todo o processo de planejamento e de execução: uma mais abrangente, que busca o estreitamento do relacionamento ideológico entre a Assembleia Legislativa e o mundo da educação, a escola, envolvendo diferentes instâncias do poder público e da sociedade civil, particularmente aquelas vinculadas à educação; outra mais específica e pontual, materializada nas edições temáticas anuais, que busca, por meio do processo de reflexão/ação, realizado junto às instituições de ensino, apresentar propostas e demandas ao legislativo, tendo em vista a elaboração de políticas públicas sobre o tema proposto, como corolário do atendimento de seus objetivos.

Por ocasião da preparação do encontro de abertura da Campanha da Fraternidade 2012, foi delineada uma proposta de trabalho que passou por um processo permanente de qualificação. Dentre os aspectos que demandaram a atenção do GTI destacaram-se: os documentos relativos ao Projeto e às Edições Temáti-

cas, a sua identidade visual e das suas Edições, a definição dos canais de comunicação e a sua disponibilização, bem como a organização das atividades previstas no cronograma anual. Igualmente importante revelou-se o processo de construção das parcerias com diferentes instâncias do poder público e da sociedade civil. O uso de diferentes canais de comunicação eletrônicos tornou possível a divulgação da iniciativa, a publicação dos resultados e a interatividade nas redes sociais. O alcance da proposta é dimensionado por meio da participação das Instituições de Ensino, do desenvolvimento do processo de reflexão/ação nas mesmas, sendo uma das expressões a participação no Concurso Cultural de Curtas, na interação dos estudantes com o parlamento, o poder público e a sociedade civil por meio da realização de audiências públicas.

A avaliação do projeto, nos processos de planejamento e de execução, com a participação dos envolvidos, é de fundamental importância para a sua qualificação. Juntos, escola, parlamento e sociedade promovem a cidadania.

METODOLOGIA

Quanto à metodologia, o Projeto Curta na Educação requer o atendimento simultâneo de procedimentos que envolvem tanto a sua organização, sua preparação, sua execução e seu acompanhamento pelo GTI, quanto a sua operacionalização junto às instituições de ensino.

A adesão ao projeto pelas instituições de ensino implica no desenvolvimento de atividades que permitam alcançar os objetivos propostos anualmente. Dentre outras atividades que podem ser definidas junto às Escolas, é possível destacar:

- Refletir, em grupo, com os alunos, sobre a temática do Projeto com a temática do Proje-

to com a identificação das principais questões relacionadas ao tema em questão, o exame das responsabilidades do Poder Público Municipal, Estadual e Federal e a proposição de sugestões e projetos para o tratamento da questão;

- Analisar as questões escolares relacionadas à temática;
- Promover atividades para pais, professores e pessoas interessadas, que envolvam a comunidade escolar e desencadeiem um processo de sensibilização e reflexão sobre a temática;
- Destacar aspectos na comunidade escolar que contribuam para o cuidado que se deve ter em relação ao tema proposto;
- Produzir Curtas sobre as reflexões e ações, a partir dos trabalhos desenvolvidos em disciplinas específicas, em atividades interdisciplinares ou que envolvam a Escola como um todo, conforme regulamento;
- Utilizar a página da Edição Temática Anual do Projeto Curta na Educação no Facebook para compartilhar as experiências e criar espaços de interação entre os participantes;
- Propor a criação de um Grupo de Trabalho para acompanhar e dar continuidade aos encaminhamentos da Audiência Pública;
- Propor atividades que permitam conhecer e experienciar a dinâmica da Audiência Pública;
- Avaliar o processo estabelecido e os resultados obtidos.

A organização, o planejamento, a execução e o acompanhamento do Projeto Curta na Educação, a partir da sua primeira edição, demanda, simultaneamente, a atenção a diferentes processos que são de responsabilidade do GTI, no atendimento aos seus próprios objetivos, dentre eles:

- Planejar, organizar, desenvolver e acompanhar as ações que operacionalizam o projeto e as suas edições;
- Reunir profissionais vinculados à ANEC, CCDH e Instituições apoiadoras e parceiras, bem como voluntários, para estabelecer um

processo de reflexão/ação que contribua com a operacionalização do projeto;

- Refletir sobre temas e questões relacionadas ao projeto, estabelecendo um espaço de intercâmbio de experiências que contribua para o fortalecimento das ações voltadas à realização do projeto;
- Propor objetivos, estratégias e ações para ampliar a mobilização das diferentes redes de ensino na execução do projeto, envolvendo crianças, adolescentes, jovens e adultos na reflexão e ação voltadas para questões relacionadas ao tema gerador proposto pela CF;
- Avaliar o planejamento, a organização e a execução das ações relacionadas ao projeto;
- Colaborar na organização e na coordenação de atividades relacionadas ao projeto.

Algumas atividades, previstas no cronograma anual do projeto, tal como o Encontro de Abertura, com a formação de multiplicadores, o Lançamento Oficial em atividade na Assembleia Legislativa e a realização de Audiências Públicas são desenvolvidas com metodologia específica.

A metodologia de trabalho, tanto na organização quanto na operacionalização do Projeto, deve ser analisada e avaliada à luz da experiência, de modo a qualificar os processos e a potencializar o alcance de seus objetivos.

A avaliação do Projeto é prevista para ser realizada ao longo do desenvolvimento das Edições Temáticas, considerando aspectos como a participação dos educadores nos encontros de abertura e dos alunos na produção de Curtas, a interação nos espaços de comunicação no site e nas páginas do Projeto e das Edições Temáticas no Facebook, a presença das Escolas e dos alunos nas Audiências Públicas, sejam elas Municipais/Regionais e/ou Estadual.

APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS DADOS

O Projeto Curta na Educação encontra suas raízes nos Encontros Estaduais de preparação da Campanha da Fraternidade promovidos pela Associação Estadual de Educação Católica do Rio Grande do Sul (AEC/RS) e, a partir de 2009, pela ANEC, que reuniam educadores das diferentes Regiões do Estado, com representantes das diferentes redes de ensino, privado e público.

Considerada a importância do despertar para a solidariedade em relação a problemas concretos que envolvem a sociedade brasileira, na busca de caminhos de solução, em 2011, a parceria firmada entre a ANEC e a CCDH, na organização do Encontro Estadual de preparação da Campanha da Fraternidade 2012, viabilizou a construção de um projeto com nova abrangência, congregando outras instituições relacionadas à educação e a diferentes instâncias do poder público e da Sociedade Civil.

Assim, com o encontro realizado no dia 25 de novembro de 2011, no Colégio Marista Rosário, em Porto Alegre, teve início o Projeto Curta na Educação, organizado com o objetivo de mobilizar o mundo da educação - crianças, adolescentes, jovens e adultos, de todas as redes de ensino, por meio da reflexão e da ação voltadas para questões de relevante interesse social, propiciando o desenvolvimento do pensamento crítico e o exercício da cidadania na defesa dos direitos fundamentais, a partir de temáticas propostas anualmente.

A primeira edição do Projeto Curta na Educação, em 2012, recebeu a denominação Curta Saúde na Educação, com base na temática proposta pela Campanha da Fraternidade 2012, "Fraternidade e Saúde Pública". A segunda edição temática anual, em 2013, foi denominada Curta Juventude na Educação, com base no tema gerador da CF 2013, "Fraternidade e Juventude". Curta Direitos Humanos na Educação foi a denominação da Edição Temática 2014, com base no tema da CF, "Fraterni-

dade e Tráfico Humano". Em 2015, a partir do tema "Fraternidade: Igreja e Sociedade", foi organizada a edição temática 2015, Curta Liberdade e Diversidade Religiosa. A edição temática 2016, com a denominação Curta Saneamento Básico, foi proposta à luz da CF 2016, Ecumênica, com o tema "Casa comum, nossa responsabilidade". Em 2017, à luz da CF com tema "Fraternidade: Biomas brasileiros e defesa da vida", a Edição foi denominada "Curta Biomas". Já em 2018, com o tema "Fraternidade e superação da violência" da CF, a Edição Temática foi denominada "Curta Não-Violência". Para 2019, considerando o tema da CF, "Fraternidade e Políticas Públicas", a denominação será "Curta Políticas Públicas".

Como observado anteriormente, as temáticas propostas anualmente pela CF pretendem despertar a solidariedade em relação a problemas concretos que envolvem a sociedade brasileira, buscando caminhos de solução. Dessa forma, o tema escolhido define a realidade concreta a ser transformada e o lema explicita em que direção se busca a transformação. "A CF atinge, cada ano, um problema determinado e urgente que precisa do esforço de ação pastoral conjunta no país, desafios sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos da realidade brasileira" (SANTOS, 2009).

O Projeto Curta na Educação, ampliando o trabalho desenvolvido junto às Instituições de Ensino e Educadores, com a finalidade de trabalhar as propostas da CF, pretende mobilizar crianças, adolescentes, jovens e adultos, de todas as redes de ensino, na reflexão e ação voltadas para questões de relevante interesse social, propiciando o desenvolvimento do pensamento crítico e o exercício da cidadania.

Estabeleceu-se como objetivo permanente refletir sobre a temática proposta pela CF, a partir do mundo da educação, contribuindo para o desenvolvimento do pensamento crítico e o exercício da cidadania, por meio da pro-

dução de textos, vídeos e outros subsídios que sintetizem as reflexões propostas e as ações desenvolvidas a partir do tema gerador. Para assegurar que o trabalho fosse executado nos seus detalhes, os objetivos específicos foram assim mencionados: criar espaços nos ambientes escolares para refletir sobre a temática proposta pela CF, por meio da compreensão do ambiente social e político, propiciando o desenvolvimento do pensamento crítico e o exercício da cidadania; refletir sobre a temática proposta pela CF e as suas relações com os aspectos socioculturais de nossa sociedade; destacar a importância de acompanhar as ações da gestão pública, com a transparência na aplicação dos recursos disponíveis, especialmente nos projetos relacionados às temáticas propostas, particularmente no mundo da educação; identificar a imbricação existente entre as realidades da educação e da temática proposta pela CF; produzir Curtas, textos e outros subsídios sobre as reflexões propostas e as ações desenvolvidas a partir dos trabalhos em disciplinas específicas, em trabalhos interdisciplinares ou que envolvam a Escola como um todo; promover a exposição dos Curtas e subsídios nos diferentes espaços escolares; promover a escolha de Curtas para serem publicados no Site do Projeto Curta na Educação, representando as Escolas, conforme Regulamento; realizar Audiência Pública na Assembleia Legislativa do Estado do Rio Grande do Sul sobre o tema da Edição Anual do Projeto Curta na Educação, com a participação da Comunidade Escolar; apresentar durante a Audiência Pública os Curtas selecionados, conforme Regulamento; participar da Audiência Pública, propondo ao Legislativo ações que promovam políticas públicas a partir das demandas identificadas no decorrer do processo.

Considerando aspectos quantitativos, verificou-se uma pequena redução da participação de educadores nos Encontros de Abertura: 121 em 2012; 113 em 2013; 80 em 2014; 82 em 2015;

64 em 2016; 97 em 2017 e 87 em 2018. A inscrição de Curtas aumentou da primeira para a terceira Edição: 14 em 2012; 50 em 2013; 43 em 2014; 32 em 2015; 48 em 2016; 40 em 2017 e 43 em 2018. Nas Audiências Públicas realizadas verificou-se a redução do número de estudantes participantes: 348 em 2012; 250 em 2013; 188 em 2014; 195 em 2015; 182 em 2016 e 144 em 2017, com a manutenção da média das Instituições representadas: 29 em 2012; 21 em 2013; 29 em 2014; 25 em 2015; 24 em 2016 e 21 em 2017.

Para a avaliação da participação, tanto dos alunos quanto das Escolas, foram elaborados dois formulários específicos, encaminhados aos participantes do Concurso Cultural de Curtas às respectivas Instituições. Os alunos foram indagados sobre a existência de mobilização em relação ao projeto na escola, a motivação para participar do projeto, a relevância da edição temática, a possibilidade de convidar outros jovens para participar da iniciativa, as atividades das quais participou com espaço para comentários. Especial destaque receberam as questões relativas ao Concurso Cultural de Curtas, contemplando o regulamento, mudanças para as edições futuras, a alteração dos critérios de classificação, o tempo definido para as produções e o material de referência disponibilizado. Os alunos foram perguntados, também, sobre as condições oferecidas pela escola para o desenvolvimento do projeto e sobre as disciplinas que contribuíram para a abordagem do tema. Os alunos foram questionados, ainda, sobre o conhecimento do site do projeto e sobre o grau de satisfação considerando acessibilidade, funcionalidade, informações, atualização, materiais e contato. Além disso, houve espaço para opinar sobre os canais que favorecem a divulgação do Projeto e, também, para comentar, sugerir, criticar e compartilhar ideias. A partir de 2013, o formulário foi acrescido da avaliação das atividades específicas em que cada um participou com a indicação de aspectos positivos, aspectos

negativos e sugestões.

O formulário de avaliação institucional foi encaminhado, em um primeiro momento, àquelas com grupos inscritos no Concurso de Curtas e, posteriormente, às demais. Neste sentido perguntava-se sobre o conhecimento do Projeto e sobre a participação na Edição Temática do respectivo ano e, na hipótese negativa, solicitava-se a indicação das razões. Na hipótese afirmativa perguntava-se sobre o atendimento dos objetivos propostos, a metodologia e as atividades propostas, a participação nas atividades, as instâncias e as disciplinas envolvidas na Escola, bem como as condições e os recursos disponibilizados. Da mesma forma, as questões relacionadas ao site e à comunicação, apresentadas aos alunos, foram ajustadas para os profissionais da Instituição.

Com o advento do Projeto Curta na Educação, os Encontros Estaduais de Preparação para a Campanha da Fraternidade foram ajustados para atender à nova proposta. Houve a alteração da denominação para Encontro de Abertura, com a manutenção de alguns elementos da metodologia de trabalho, particularmente aquela de realizar atividades com os educadores representantes dos segmentos educação Infantil e Ensino Fundamental I, Ensino Fundamental II e Ensino Médio, tendo em vista o aprofundamento da temática e a elaboração de propostas de trabalho específicas para os respectivos níveis.

A construção das propostas de trabalho ou a proposição de pistas de ação, tanto no Encontro de Abertura, a partir da reflexão proposta na realização da Mesa Técnica ou da atividade específica junto aos educadores, nos Grupos de Trabalho voltados para os segmen-

tos anteriormente indicados, quanto nas atividades promovidas pelo GTI encontra seu fundamento em diferentes subsídios e materiais relacionados ao tema anual, cuja referência é compartilhada nas atividades específicas e/ou por meio do site do Projeto, na área Material de Apoio.

Para o desenvolvimento do Projeto, dentre outros recursos, é necessário considerar como imprescindível a participação de alunos e educadores, com o envolvimento da comunidade educativa das Escolas e das famílias. Associada a esta mesma participação, necessária, está aquela das diferentes instâncias do Poder Público e da Sociedade Civil relacionadas à Educação e também aos temas propostos.

Os mais variados materiais podem ser utilizados nas Edições Temáticas do Projeto, tais como músicas, arte, redes sociais, livros, palestras, internet, equipamento de áudio e vídeo, filmes, imagens, etc.

Os canais preferenciais de comunicação do Curta na Educação são o site - www.curtanaeducacao.org.br - e as páginas específicas para as Edições Temáticas no Facebook - <https://www.facebook.com/curtanaeducacao>. O contato com o GTI pode ser realizado por meio do e-mail projeto@curtanaeducacao.org.br.

Como destacado anteriormente, o Projeto Curta na Educação pretende mobilizar crianças, adolescentes, jovens e adultos, de todas as redes de ensino. No Estado do Rio Grande do Sul essa participação pode ser ampliada, conforme o Censo Escolar da Educação Básica 2017³, a 1.562.917 alunos (INEP, 2018) das Escolas de dependência administrativa Estadual, Federal, Municipal e Particular.

³ Considerando apenas a Matrícula Inicial na Modalidade Regular é possível identificar os seguintes dados no Rio Grande do Sul: Pré-Escola: 168.315; Ensino Fundamental: 1.099.667; Ensino Médio: 294.935.

Esse horizonte pode ser estendido com a inclusão das famílias relacionadas a estes alunos, congregando toda a comunidade escolar.

A participação nas atividades, conforme os dados apresentados na avaliação, considerando o universo escolar do Rio Grande do Sul, é mínima. No entanto, como fermento, a experiência feita é um convite a maximizar a participação nesta iniciativa que tem congregado diferentes instâncias do poder público, da sociedade civil, particularmente as relacionadas com a educação, e do universo escolar em atividades que podem contribuir significativamente para construção de uma cultura onde, por meio do desenvolvimento do pensamento crítico e do exercício da cidadania, os direitos fundamentais sejam assegurados.

A participação e a interação por meio das redes sociais têm aumentado ao longo das edições, particularmente por meio do uso do Facebook, com página tanto para o Projeto quanto para as Edições Temáticas. Desde do dia 08 de julho de 2013, o Projeto passou a contar, também, com endereço próprio na internet, disponibilizando as informações necessárias para a participação e interação. Para cada edição temática é disponibilizada uma área específica onde é possível acessar a agenda, notícias, realizar a inscrição de curtas para o Concurso Cultural e acessar aqueles já publicados.

Como exemplo do acima exposto, podemos considerar o ano seguinte ao da criação da página. Na edição de 2014, na página em que foram publicados os curtas inscritos, no período de 28 de julho a 07 de agosto, foram contabilizadas 32.427 visualizações, sendo 19.191 visualizações únicas, com tempo médio nas páginas de 00:01:59. Nos anos subsequentes, foi apurado que houve o aumento da participação e/ou interação por meio deste importante canal de comunicação e suas integra-

ções com outras redes sociais.

O Projeto Curta na Educação nasce da relação de proximidade entre a ANEC e a CCDH e a sua realização é enriquecida com a participação e o envolvimento de outras instâncias do poder público e da sociedade civil, particularmente das relacionadas à Educação, que se tornaram parceiras e apoiadoras.

O contato com possíveis parceiros é realizado pelo GTI que, ao apresentar a proposta do Curta na Educação, solicita a adesão Institucional, a parceria e o apoio na realização do Projeto Curta na Educação e/ou de sua Edição Temática Anual. Os parceiros e apoiadores são convidados a divulgar em espaço institucional o apoio firmado com o projeto. É formalizada, também, a solicitação para que a instituição passe a integrar o GTI por meio de representação, participando das reuniões ordinárias, realizadas no período de março a junho e de agosto a novembro, com dia, horário e local definidos anualmente.

Somaram-se ao projeto, nas suas Edições iniciais, o Conselho Estadual de Saúde, o Sindicato do Ensino Privado no RS - SINEPE/RS, o Conselho Estadual de Educação/RS - CEE/RS, a Secretaria Estadual da Saúde, o Centro de Apoio Operacional da Infância, Juventude, Educação, Família e Sucessões - MP/RS, o Centro de Apoio Operacional de Defesa dos Direitos Humanos - MP/RS, a UNDIME, o Comitê Estadual de Educação em Direitos Humanos - CEEDHRS, o Setor de Pastoral da Educação da CNBB Regional Sul 3, a Pastoral da Juventude Estudantil, a Comissão Permanente de Defesa dos Direitos Humanos da Procuradoria-Geral do Estado do RS - PGE-RS, o Serviço de Evangelização da Juventude - CNBB Regional Sul 3, a Secretaria de Justiça e dos Direitos Humanos - SJDH, o Jornal Mundo Jovem, a SP Produções e a NETFACE. Anualmente, em razão da temática proposta, outras Instituições, relacionadas aos diferen-

tes temas, firmaram parcerias ou manifestaram seu apoio às iniciativas desenvolvidas pelo Projeto.

Diversas instituições escolares associadas à ANEC participaram das atividades do GTI, por meio de seus representantes, dentre elas Colégio Santa Inês, Escola São Luís Guanella, Colégio La Salle Pão dos Pobres, Pequena Casa da Criança, Colégio Vicentino Santa Cecília, Escola Mãe Admirável, Colégio La Salle Canoas, Escola Nossa Senhora de Fátima e o Instituto de Educação São Francisco.

As parcerias firmadas são divulgadas no site do projeto na aba “Parceiros” com a inserção do logotipo institucional, ao qual é vinculado o link para o site da instituição parceira. Na hipótese de participação no GTI, o nome do representante consta da relação localizada na área reservada ao referido Grupo na aba “Realização” do site do projeto. As parcerias são divulgadas também na página do projeto no Facebook e nas páginas específicas das edições temáticas anuais. As informações relativas aos parceiros podem constar também de outros materiais eletrônicos e/ou impressos. Merece nota de destaque o apoio da Assessoria de Comunicação Corporativa da Rede Marista no desenvolvimento da identidade visual do Projeto, bem como das Edições Temáticas de 2012 a 2019, esta última em processo de organização.

CONCLUSÃO

O Projeto Curta na Educação, com o seu desdobramento nas Edições Temáticas Anuais, estabelece uma relação de parceria entre as diferentes instâncias relacionadas à educação no Rio Grande do Sul. O convite se estende às escolas de todas as redes, ao poder público e à sociedade civil, e, em uma linha metodológica participativa, favorece o comprometimento de todos na defesa dos direitos humanos em

suas respectivas áreas de atuação.

A construção de uma sociedade onde a justiça, a solidariedade e a paz encontrem lugar passa pela transformação da realidade atual por meio do comprometimento de todos na descoberta de soluções para os problemas concretos que envolvem a sociedade brasileira. O mundo da educação deve inserir-se, sempre mais, neste processo, com o envolvimento de toda a comunidade escolar, particularmente dos alunos, lançando bases para uma nova cultura onde, de fato, os direitos humanos de todas as pessoas sejam salvaguardados.

REFERÊNCIAS

CURTA NA EDUCAÇÃO. **Escola, Parlamento e Sociedade promovendo cidadania**. Porto Alegre: ANEC, 2016. Disponível em: <<http://www.curtaeducacao.org.br/>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. **Censo Escolar da Educação Básica 2017**. Brasília: INEP, 2018. Disponível em: <<http://portal.inep.gov.br/resultados-e-resumos>>. Acesso em: 16 ago. 2018.

SANTOS, Juberto. **O que é a Campanha da Fraternidade?** SN: Catequese Católica, 2009. Disponível em: <<http://www.catequisar.com.br/texto/colunas/juberto/14.htm#>>. Acesso em: 16 ago. 2018.



ARTIGO

Título:

Presépio, Casa De Nazaré: um projeto de releituras do Nascimento De Jesus A partir das áreas do conhecimento em uma Instituição de Ensino Superior

José Antonio Guimarães

Humberto Silvano Herrera Contreras

Larissa Fernandes Menegatti

RESUMO

O presente relato de experiências trata sobre releituras do nascimento de Jesus a partir das áreas do conhecimento na Faculdade Bagozzi, sintetizando a experiência pastoral nas dimensões do ensino e da extensão. À luz de uma contextualização histórica e teológica do evento “nascimento de Jesus” e da descrição da proposta do projeto, os participantes e os resultados alcançados, narra-se a importância da interface do pedagógico pastoral na formação integral da comunidade educativa.

Palavras-chave: Releituras do Nascimento de Jesus. Formação Humana e Profissional. Relato de Experiência Pastoral.

JOSÉ ANTONIO GUIMARÃES

Coordenador da Pastoral Universitária da Faculdade Padre João Bagozzi.

jose.guimaraes@faculdadebagozzi.edu.br

HUMBERTO SILVANO HERRERA CONTRERAS

Mestre em Educação pela UTP-PR. Licenciado em Filosofia e Pedagogia pela Faculdade Bagozzi. Coordenador do Núcleo de Inovação, Pesquisa e Extensão da Faculdade Bagozzi.

humberto.herrera@faculdadebagozzi.edu.br

LARISSA FERNANDES MENEGATTI

Mestre em Teologia pela PUCPR. Graduada em Teologia pela PUCPR. Professora na Faculdade Bagozzi.

larissa.fernandes@faculdadebagozzi.edu.br

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Uma educação (alfabetização) que integre e harmonize o intelecto (a cabeça), os afetos (o coração) e a ação (as mãos).

(Discurso do Papa Francisco na Universidade Católica do Chile, no 18/01/2018)

Este texto sintetiza a experiência pastoral de um projeto que integrou as dimensões do ensino e da extensão em uma Instituição de Ensino Superior (IES), de identidade católica.

A relevância do Projeto “Presépio, Casa de Nazaré” pauta-se na dimensão de formação humana e profissional dos universitários que inspira o projeto político pedagógico da IES. A motivação está na educação da mente, das mãos e do coração dos futuros profissionais.

Inicialmente apresenta-se uma contextualização histórica e teológica do evento “nascimento de Jesus”. Na sequência, descreve-se a proposta do projeto, os participantes e os resultados alcançados.

CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA E TEOLÓGICA DO EVENTO “NASCIMENTO DE JESUS”

O “evento Jesus” marca a cultura ocidental, inclusive seu nascimento está no calendário romano e independente de sermos cristãos ou não, o mês de dezembro sempre nos recorda o Natal do Senhor. Porém, contextualizá-lo histórica e teologicamente exige superar extremos. Ou seja, se faz necessário superar a postura dualista que opõe teologia e história, fé e razão, pois é na trama da vida que o fazer teológico acontece e por essa razão enche de sentido a existência. Partiremos dos Evangelhos que narram a infância de Jesus: Mateus e Lucas. Neles analisaremos a revelação bíblica identificando seu conteúdo histórico-crítico. Tomaremos em seguida alguns apontamentos

relevantes para a nossa reflexão sobre o tema.

O NASCIMENTO DE JESUS SEGUNDO OS EVANGELHOS DE MATEUS E LUCAS

No Evangelho de Mateus

No Evangelho de Mateus o nascimento de Jesus é citado no capítulo 1, versículos 18 a 25, seguido dos próximos versículos com a visita dos magos (Mt 2, 1-12) e a fuga para o Egito (Mt 2,13-18). Assim como no Evangelho de Lucas, o Espírito Santo age em Maria e por obra dele e consentimento dela, Jesus é concebido. Mas o destaque em Mateus se dá a José, chamado-o “justo”, porém, sua justiça não se baseia na lei, mas na misericórdia, e na dinâmica do Mistério assume a paternidade de Jesus, e Maria como esposa. Um aspecto interessante para a nossa reflexão está na análise da genealogia de Jesus (Mt 1, 1-17), em que “Mateus mostra, simbolicamente, que Jesus é descendente de Abraão e de Davi”, ou seja, legítimo filho da promessa (MURAD, 2006, p. 27). Próprio de uma sociedade patriarcal, as genealogias são narradas pelo nome do pai. Mas, Mateus cita cinco mulheres, dentre elas, Tamar (Gn 38,14-18), Raab (Js 2,1-15), Rute (3,1-4,16), a mulher de Urias (2Sm 11,1-12,25) e Maria (Lc 1,18). Ambas encontram-se em situações irregulares perante a lei, e mesmo assim nelas se dá a continuidade da linhagem messiânica. Assim, o evangelista “quer sinalizar a atuação gratuita e surpreendente de Deus, que se serve de situações fora do normal para realizar seu projeto de salvação” (MURAD, 2006, p. 27).

Ainda no Evangelho de Mateus vimos dois episódios muito específicos. O primeiro deles é a visita dos magos que vêm do oriente trazendo presentes para o Rei que acabara de nascer: ouro, incenso e mirra (Mt 2,1-12). Cada presente uma simbologia carregada de significados. Os magos sem serem judeus, reconhe-

cem a realza daquele Menino. Outro episódio interessante se dá na fuga de José e Maria com o Menino para o Egito (Mt 2, 13-23). Esse cenário aborda a realidade dos refugiados, tão presente no contexto atual, cujas fronteiras é que tornam um ser humano em estrangeiro. Contudo, segundo Almeida (2016, p.89), “o confim, que pode ser divisão, pode servir também para a relação. Pode assinalar o limite, mas também o desejo de superá-lo”. Enfim, abre-se um leque para a nossa reflexão sobre o assunto na perspectiva da fé cristã.

No Evangelho de Lucas

No Evangelho de Lucas o nascimento de Jesus é precedido pela anunciação do anjo a Maria, uma jovem de Nazaré que aceita ser a mãe do Salvador. “Eis aqui a serva do Senhor. Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,37). Essa resposta acompanha uma atitude de fé autêntica que implica arriscar-se para além das incertezas e “jogar-se nas mãos do Senhor com confiança” (MURAD, 2006, p. 35). Como peregrina na fé nos identificamos com ela também no seguimento de Jesus.

O lugar geográfico também é lugar teológico e aqui cabe chamar a atenção para a cidade da família de Nazaré. Trata-se de uma pequena cidade da Galiléia. Para Murad (2006, p. 46), “a Palestina está dividida em três regiões: a Judéia, ao sul; a Samaria, ao centro; e a Galiléia, ao norte. Os habitantes da Judéia consideram-se os judeus mais piedosos, mais puros nos costumes e cumpridores das leis religiosas. Na Judéia está a cidade de Jerusalém, lugar de peregrinação, capital religiosa e grande centro econômico. Os galileus não gozam de boa fama (...) têm um sotaque típico, que os identifica facilmente”. Enfim,

Nazaré é considerada uma cidade sem importância (Jo 1,46; 7,52).

Como se pode observar, Maria e José são pobres, de origem simples, e seu filho Jesus nasce fora de Jerusalém, em Belém, numa estrebaria, envolto em faixas em meio aos animais (Lc 2,7). Nesse cenário paradoxal surgem os questionamentos: como acreditar que ele é o Messias? O Salvador? O Rei? Como se pode ver, não há nada de extraordinário, nada de estrondoso na cena, sem ostentação alguma. De fato, “a simplicidade de Deus rompe com nossos esquemas e surpreende-nos” (MURAD, 2006, p. 47). É necessário inteligência, ou seja, *intus legere*⁴ para ler as entrelinhas da vida e captar o agir misterioso de Deus. Exige interioridade para ver Deus no pobre Menino nascido em Belém, crescido em Nazaré e crucificado em Jerusalém.

História e mistério em Jesus

O teólogo e biblista José Antônio Pagola (2009, p.11) apresenta sua investigação histórica sobre Jesus, procurando captar o segredo que “se encontra neste fascinante galileu, nascido há dois mil anos numa aldeia insignificante do Império romano e executado como um malfeitor perto de uma antiga pedreira, nos arredores de Jerusalém, quando beirava os 30 anos”. Sua indagação é relevante: “Quem foi este homem que marcou decisivamente a religião, a cultura e a arte do Ocidente chegando até a impor inclusive seu calendário?”. (PAGOLA, 2009, p.11).

Em perspectiva interdisciplinar, o autor busca situar Jesus, o Yeshua, em seu contexto histórico, enquanto judeu da Galileia e vizinho de Nazaré, “cresceu no meio da natureza, com

⁴ *Intus legere*, do latim, que significa ter a capacidade de ler dentro.

os olhos muito abertos para o mundo que o rodeava” (PAGOLA, 2009, p.64). É o que se pode constatar no uso de imagens que emprega em sua fala, como o pastoreio dos animais, a pesca, a força da semente na terra, etc. De fato, para Pagola, Jesus foi um “mestre pouco convencional” para a sua época, em que não a lei, mas o amor está no centro de suas ações e palavras.

Para concluir nossa reflexão numa perspectiva josefino-marelliana, traçamos o caminho teológico espiritual com São José, cuja peregrinação na fé foi um disciplinado profundo de escuta silenciosa, de esperança adulta e perseverante e, por isso, “ele repete sempre aos seus filhos: no silêncio e na esperança está a vossa fortaleza” (GUINZONI, 2016, p. 52). Assim, sigamos a nossa jornada, conscientes do lugar teológico que nos constitui, a Casa de Nazaré, de onde nascemos, e na qual crescemos em sabedoria e estatura exercendo o nosso carisma de educar, cuidando assim dos interesses de Jesus.

O PROJETO “PRESÉPIO, CASA DE NAZARÉ”

O projeto de extensão acadêmica, “Presépio, Casa de Nazaré”, é uma tentativa de aproximar a identidade dos Oblatos de São José, instituição mantenedora da Faculdade Padre João Bagozzi, dos seus acadêmicos, por meio de simbologias expressas na cena do Nascimento de Jesus, em Belém, que traduz certamente os valores que nortearam a educação de Jesus, no seio da sua família.

De caráter extensivo, o referido projeto busca associar os conhecimentos adquiridos no meio acadêmico e aplicá-los, em suas mais variadas formas, de maneira a integrar as competências de alunos e professores das quatro Escolas de Formação Humana e Profissional: Gestão, Engenharia, Tecnologia de Informação e Educação, Sociedade e Ambiente.

O objetivo geral do Projeto é promover, através da confecção de um presépio, por Escola de Formação, a missão e os valores da Faculdade Padre João Bagozzi, por meio de recursos diversos para representar a Família de Nazaré: Jesus, Maria e José. Os objetivos específicos são: a) Desenvolver, a partir das metodologias ativas, um processo de aproximação com a identidade da Faculdade Padre João Bagozzi; b) Envolver alunos e professores, sob um tema comum, no processo pedagógico-pastoral de construção de conhecimento aplicado; e c) Divulgar a missão e valores da Faculdade Padre João Bagozzi, por meio da linguagem de texto e visual.

Constituiu um projeto interdisciplinar, pois as vertentes de conhecimento dialogam entre si, fazendo a teoria encontrar-se com a técnica. Os alunos envolvidos tiveram a oportunidade de desenvolver projetos sob orientação dos professores que, incentivando e desenvolvendo suas habilidades, têm a incumbência de manter vivo o objetivo do projeto, a partir de metodologias ativas.

Dessa forma, o Projeto “Presépio, Casa de Nazaré” buscou, a partir da contextualização (histórica e teológica) do evento “nascimento de Jesus”, fazer uma releitura, atualizando a mensagem de esperança advinda deste símbolo, por meio da utilização de materiais recicláveis, luz, audiovisual, entre outros.

O Projeto foi realizado no período de 23 de julho a 20 de novembro de 2018, e foi concluído com a confecção de 04 presépios (um por Escola), segundo releitura e atualização feita pelos grupos de professores e alunos. No decorrer do Projeto, surgiu uma iniciativa de uma outra possibilidade de releitura por meio da arte teatral⁵, que foi apresentada na abertura do evento cultural natalino *Christmas Night*, realizado na própria Faculdade, no dia 20 de novembro de 2018.

O Projeto foi coordenado pela Pastoral Universitária junto ao Núcleo de Inovação, Pesquisa e Extensão da Faculdade Padre João Bagozzi e repercutiu no envolvimento de 20 professores e 71 alunos.

Escola de Formação Humana e Profissional	Nº de Alunos participantes	Nº de Professores participantes
Escola de Gestão	21	5
Escola de Engenharia	17	7
Escola de Tecnologia de Informação	14	3
Escola de Educação, Sociedade e Ambiente	19	5

As atividades do projeto foram concluídas com a exposição para toda a comunidade acadêmica e demais visitantes no período de 12 a 20 de novembro de 2018.

AS RELEITURAS DO “NASCIMENTO DE JESUS” A PARTIR DAS ÁREAS DE CONHECIMENTO

Conforme descrito no Projeto, obteve-se como resultado a confecção de uma releitura do presépio por cada Escola de Formação Humana e Profissional, sendo:

Escola de Formação Humana e Profissional	Projeto de Releitura do Presépio
Escola de Gestão	O Nascimento de Jesus Hoje: Representação a partir do Serious Play aplicada à Gestão de Negócios
Escola de Engenharia	Presépio Casa de Nazaré: uma releitura a partir da Revolução Industrial 2.0
Escola de Tecnologia de Informação	Presépio Casa de Nazaré: uma releitura a partir da Revolução Industrial 3.0
Escola de Educação, Sociedade e Ambiente	Presépio: A Luz da Vida

A seguir apresentamos a descrição de cada um dos projetos, com seu respectivo resumo técnico e identificação visual.

O NASCIMENTO DE JESUS HOJE: REPRESENTAÇÃO A PARTIR DO SERIOUS PLAY APLICADA À GESTÃO DE NEGÓCIOS

Resumo do Projeto ⁶

A globalização, a revolução tecnológica e a busca incessante por conhecimento marcam uma nova sociedade e as organizações contemporâneas. Estes tempos exigem habilidades, competências e atitudes dos gestores, que precisam desenvolver suas capacidades técnicas, comportamentais e humanas, adequadas aos negócios cada vez mais acelerados, globais e com mudanças constantes. É nesse contexto que o projeto Presépio Casa de Nazaré da Escola de Gestão da Faculdade Bagozzi objetiva representar o nascimento de Jesus nos dias de hoje, a partir da metodologia Serious Play (brincadeira a sério) aplicada à gestão de negócios. Por meio do uso de peças e elementos Lego, esta abordagem sugere que o "aprender fazendo" produz um modo mais profundo e significativo de compreensão do mundo e de suas possibilidades, permitindo narrativas que abrigam as diferentes áreas da gestão, tendo como recurso a construção de cenários imaginários tridimensionais. Como resultados, portanto, são apresentadas as cenas do presépio por meio de cenários tridimensionais, de fotos e documentação audiovisual em páginas de redes sociais, representando e destacando aspectos da sociedade e

⁵ O Projeto de apresentação teatral tem como título “Uma canção para o mundo”. Maria e José esperam seu filho e, infelizmente, são separados pelas maldades do mundo. Após esse episódio passarão por muitas situações, felizes e tristes até voltarem a se encontrar na Bahia de todos os santos. Uma canção para o mundo é um espetáculo que mistura todos os povos em uma mensagem de amor e esperança. O projeto foi orientado pela Prof. Glaci Matoso Mendes, professora da Escola de Educação, Sociedade e Ambiente.

⁶ Resumo elaborado pelo Coordenador Adjunto da Escola de Gestão, Prof. Ms. Igor Lucas Reis.

das organizações atuais: o trabalho, a família e os negócios.

Identificação visual

Vide Figura 1 no final deste artigo.

PRESÉPIO CASA DE NAZARÉ: UMA RELEITURA A PARTIR DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL 2.0

Resumo do Projeto⁷

Com a busca de maiores lucros, a revolução industrial 2.0 levava à ampliação da produção por meio de artigos em série, especializando o trabalho humano pelas linhas de montagem cujo o foco principal era o barateamento da unidade produzida. Controlava-se o capital para a elevação da produtividade do trabalho, dividindo esse entre direção e execução, expropriando o saber do trabalhador em benefício do capital, onde o controle do corpo do trabalhador e da disciplina era rigoroso. Este artigo, portanto, tem por objetivo fazer uma releitura do nascimento de Jesus Cristo, nosso Salvador, considerando o início da Revolução Industrial 2.0 como seu nascimento e ano zero da humanidade. Para o melhor entendimento da realidade dessa Revolução e o seu impacto no nascimento de Jesus, utilizar-se-á a pesquisa bibliográfica, documental, descritiva e explicativa. Os resultados deste trabalho revelam como esse nascimento é impactado frente à ocorrência das bases fixadas desse progresso tecnológico e científico. Uma análise mais específica quanto a realida-

de imposta ao fator humano, produção e meio ambiente são primordiais para embasar as conclusões.

Identificação visual

Vide Figura 2 no final deste artigo.

PRESÉPIO CASA DE NAZARÉ: UMA RELEITURA A PARTIR DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL 3.0

Resumo do Projeto⁸

A Terceira Revolução Industrial ou Revolução Tecno-científica promoveu a inserção de tecnologias nas etapas produtivas da indústria, dinamizando assim seus processos. Com início da década de 1960 e conhecida como a era da eletrônica, introduziu a tecnologia da informação nos processos industriais e foi marcada pelos avanços no campo da informática, robótica, telecomunicações, biotecnologia e nanotecnologia. Essa fase resulta numa profunda mudança nos modos de produção até então adotados pelas grandes indústrias. Este artigo, portanto, tem por objetivo propor tecnologias utilizadas na indústria 3.0 numa das representações mais singelas da bíblia. Por meio da utilização de alguns desses sistemas desta revolução num presépio, o nascimento de Jesus terá uma releitura onde o resgate, magnitude e importância deste momento cristão será manifestado.

Identificação visual

Vide Figura 3 no final deste artigo.

⁷ Resumo elaborado pelo Prof. Dr. Ronaldo Trentin Zierhut, professor da Escola de Engenharia e de Gestão.

⁸ Resumo elaborado pelo Prof. Dr. Ronaldo Trentin Zierhut, professor da Escola de Engenharia e de Gestão.

PRESÉPIO CASA DE NAZARÉ: UMA RELEITURA A PARTIR DA REVOLUÇÃO INDUSTRIAL 2.0

Resumo do Projeto⁹

A proposta de presépio da Escola de Educação, Sociedade e Ambiente tem como objetivo representar a Luz inerente a todos os movimentos da vida, manifesta nas diversas dimensões do Universo, da História, do cotidiano vivido por nós na sociedade atual e da missão da Congregação dos Oblatos São José. Composto de quatro estações conectadas pelos princípios a) da Origem Divina da Luz presente em toda a natureza; b) do movimento de todos os seres humanos, errando e procurando acertar, na busca de sua integração com essa Luz; c) da tomada de consciência da necessidade de união com a missão de Cristo, que realiza a Verdade, a Vida e o Amor, pelo exercício da solidariedade e da iluminação das ações humanas, por meio do conhecimento e da Pedagogia Cristã e, d) da convicção da continuidade missionária de humanização do Padre José Marelló, por meio do Apostolado Educacional, na formação de pessoas para a convivência social pacífica, saudável, com justiça, dignidade e reflexão de luz. Assim, a primeira estação traz uma reflexão sobre a Origem do Universo; a segunda representa o nomadismo e a busca de refúgio dos seres humanos, os quais, ao encontrarem a mensagem Cristã, compreendem o sentido da vida; a terceira representação leva ao entendimento de que todos somos responsáveis por multiplicar a prática da doutrina Cristã em todas as ações cotidianas: preservando a natureza, iluminando o caminho de todos os seres humanos para a construção do respeito irrisório à vida, efetivando a igualdade de acesso à cultura e ao desenvolvimento espiritual e, a

quarta estação comemora os cem anos da Congregação dos Oblatos São José, pela efetivação de uma comunidade educativa convicta e fiel aos princípios cristãos, iluminados pelas orientações pedagógicas do Padre José Marelló.

Identificação visual

Vide Figura 4 no final deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Projeto “Presépio, Casa de Nazaré” possibilitou uma experiência cooperativa entre professores e alunos, deixando uma marca pastoral na cultura institucional da IES. O fato do Projeto ter sido sistematizado conforme os protocolos de um projeto de ensino e extensão favoreceu a participação da comunidade acadêmica e dos docentes que assumiram as orientações dos respectivos projetos das Escolas.

A experiência de confecção dos projetos foi relatada pelos participantes como de ampliação de percepções sobre um tema pastoral que constitui um bem cultural para a tradição cristã. A satisfação dos participantes foi expressa na utilização dos saberes próprios da formação acadêmica, conseguindo elaborar as releituras com identidade criativa.

Institucionalmente, o Projeto “Presépio, Casa de Nazaré” representou uma mensagem de evangelização: “Globalizar a esperança é a missão específica da educação para o humanismo solidário” (n.18).

⁹ Resumo elaborado pela Prof^a. Dr^a. Nara Luz Chierighini Salamunes, professora da Escola de Educação, Sociedade e Ambiente.

FIGURAS



Figura 1 - O Nascimento de Jesus Hoje: Representação a partir do Serious Play aplicada à Gestão de Negócios (Fonte: Faculdade Bagozzi - 2018).



Figura 2 - Presépio Casa de Nazaré: uma releitura a partir da Revolução Industrial 2.0 (Fonte: Faculdade Bagozzi - 2018).

FIGURAS

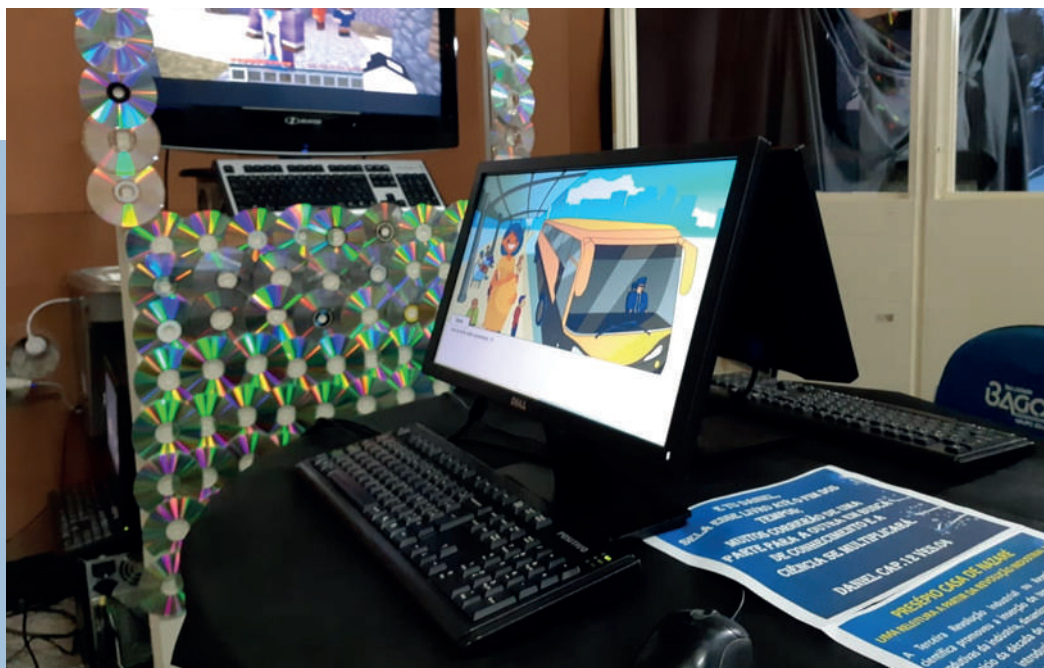


Figura 3 – Presépio Casa de Nazaré: uma releitura a partir da Revolução Industrial 3.0 (Fonte: Faculdade Bagozzi - 2018).



Figura 4 - Presépio: A Luz da Vida (Fonte: Faculdade Bagozzi - 2018).

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 1995.

ALAMEIDA, Gabriel Antunes F. Da família de Nazaré aos tempos de hoje: a família migrante. In Encontros Teológicos. V. 31. N. 1. Florianópolis. Jan-Abr. 2016.

Congregação para a Educação Católica. Educar ao Humanismo Solidário – Para construir uma “civilização do amor” - 50 anos após a Populorum Progressio. Brasília: Edições CNBB, 2018.

GUINZONI, Mário. Pegadas Marellianas. São Paulo: Cidade Nova, 2006.

MURAD, Afonso. Maria, toda de Deus e tão humana. (Coleção livros básicos de teologia 8.2). São Paulo: Paulinas; Valência: Siquem, 2004.

PAGOLA, José Antônio. Jesus: Aproximação Histórica. Petrópolis: 2009.



Com a **Encíclica LAUDATO SI'**, o Papa Francisco abriu uma porta de diálogo sincero e fecundo com toda a humanidade sobre o fato de tudo estar interligado em nossa "casa comum".

Como uma iniciativa para tornar a Encíclica mais conhecida, o Prof. Dr. José Dettoni transformou a LAUDATO SI' em versos, com a fidelidade e a leveza de quem ama o que faz. Assim, nasceu o livro "O Papa Francisco e o Meio Ambiente – Paráfrase da LAUDATO SI'".

Esta obra foi presenteadada ao Santo Padre pelas mãos do Arcebispo de Porto Velho, Dom Roque Paloschi, e constitui instrumento pedagógico precioso para que possamos nos aproximar da beleza da criação e reafirmar nossa responsabilidade ética para com ela, os mais pobres e as próximas gerações.

Boa leitura!

José Dettoni

O Papa Francisco



e

O Meio Ambiente

(Paráfrase da LAUDATO SI')

Porto Velho
2017



ARTIGO

Título:

Círio de Nazaré: uma Escola de amor e fé
GT de Pastoral do Belém/PA

RESUMO

A festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré ou o Natal paraense é uma celebração popular que reúne milhares de devotos. Desde cedo, as crianças aprendem junto à família a devoção à Nossa Senhora de Nazaré e a importância de participar da Festa do Círio de Nazaré. Atentas a essa manifestação de fé e de cultura, as escolas católicas do Pará desenvolvem projetos diversos, que vão desde o traslado da imagem de Nossa Senhora de Nazaré de uma sala de aula para outra, com cantos e orações, a campanhas de solidariedade para recolher alimentos e oferecê-los com água aos romeiros que chegam a Belém para manifestar sua gratidão à Mãe, no Círio de Nazaré. Os relatos descrevem essas atividades e, especialmente, "a alma" dessa festa!

Palavras-chave: Círio de Nazaré. Jesus Cristo. Natal.

ARTIGO ORGANIZADO POR PE. JOÃO MENDONÇA

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O mês de outubro, para o povo paraense, é um mês especial, diferente de todos os outros e tudo por causa de uma festa, uma procissão, que de sua origem e essência religiosa ainda hoje impressiona até os mais céticos, transcende o cultural, chegando ao mais profundo e íntimo recanto da alma de cada filho desta terra, que desde pequeno aprende a amar e respeitar uma mulher, uma jovem, que mudou o destino de toda a humanidade. Uma festa tão enraizada no imaginário e na memória de cada família deste Estado a ponto de ser chamado de “Natal dos paraenses”, o Círio de Nossa Senhora de Nazaré.

Reconhecida nacional e internacionalmente como a maior procissão religiosa do mundo, a qual reúne tradicionalmente há mais de 220 anos, cerca de dois milhões de pessoas na manhã do 2º domingo de outubro, em um pequeno percurso de pouco mais de dois quilômetros entre a Catedral Metropolitana de Belém, situada no antigo bairro histórico da Cidade Velha, até a Basílica Santuário de Nossa Senhora de Nazaré, no centro da cidade.

Passados mais de dois séculos, hoje se fala muito em Círios, no plural, pois são incontáveis as homenagens, manifestações religiosas, culturais e sociais que envolvem esta devoção, em diversas procissões e romarias que antecedem a grande festa nos quatro cantos da cidade. É sobre algumas dessas manifestações que iremos tratar neste artigo, de forma especial às realizadas pelas instituições de ensino filiadas à ANEC que trazem nos seus carismas um profundo amor à Virgem Maria e a missão de transmitir o Evangelho Vivente, Jesus Cristo, a todos os seus alunos, familiares e educadores.

A ALEGRIA EM PREPARAR A FESTA

Preparando o caminho para a grande festa, a Diretoria do Círio realiza em muitas escolas a chamada visita da Imagem Peregrina, que desde o início do ano leva até essas instituições uma réplica da imagem original da Virgem, segurando nos braços o menino Deus, para gerar desde cedo um clima de preparação para o grande dia.

Como exemplo destes momentos, temos a Escola Madre Zarife Sales, onde o Círio de Nazaré inicia-se com a visita da Imagem Peregrina no mês de abril. Nesse dia, toda a escola se prepara para receber a Mãe de Jesus e Rainha da Amazônia.

Ao chegar à escola, a diretora recebe a imagem e a conduz em cortejo até a quadra da escola. É um momento de grande alegria e devoção para todos! Os alunos, junto ao coral da escola cantam e louvam Maria. O grupo de dança também prepara uma performance especialmente para esse dia e alguns alunos fazem suas homenagens com flores, poesias, orações e cantos. Após a bênção, a imagem é conduzida pelos coordenadores diante dos alunos e muitos se aproximam para tocá-la e fazer seus pedidos. Depois desse momento, a Virgem segue em peregrinação por todos os setores da escola, derramando suas bênçãos e proteção.

Quando chega o mês de outubro, a equipe de pastoral da escola prepara um momento de celebração e espiritualidade com os alunos na capela, em preparação para a festa.

Com cantos e leituras bíblicas, esse é um momento profundo e solene onde se procura refletir sobre o amor de Deus e a importância de Maria para a igreja e para a Obra da Salvação.

Na semana que antecede o Círio de Nazaré, é realizada na instituição uma grande gincana com todas as turmas do Ensino Fundamental,

chamada “Gincana Solidária”, com o objetivo de motivar os alunos a participarem do Círio e arrecadar alimentos para os peregrinos carentes que vêm a Belém, bem como atender às necessidades de algumas famílias carentes do bairro.

Outro exemplo é o Instituto Vicentino Catarina Labouré, localizado há 78 anos no bairro da Sacramenta, região mais periférica de Belém.

Durante a semana que antecede o Círio, enfatizamos durante os momentos de oração com os alunos a devoção e a história da Virgem de Nazaré. O colégio também participa do “Círio dos Bombeiros”, que todos os anos fazem uma parada em frente a nossa escola, momento em que os estudantes vicentinos se reúnem com balões e por meio de cantos e orações saúdam a Maria Santíssima.

Além disso, todos os anos é realizado o Círio dos estudantes Vicentinos, com a participação da comunidade educativa e dos responsáveis dos alunos, o qual percorre algumas ruas do bairro, levando faixas com frases referentes ao tema do Círio de Nazaré e da Campanha da Fraternidade.

Assim como no Madre Zarife e Catarina Labouré, diversos colégios da cidade realizam atividades semelhantes e muitas outras, demonstrando todo o amor e carinho à Mãe de Jesus e que muitas vezes vão além dos muros da escola.

ASSIM SURGE UM CÍRIO ESTUDANTIL

Ao chegar o período da Festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará, o Colégio Salesiano Nossa Senhora do Carmo Belém, junto a onze escolas da rede pública e privada de nossa cidade, organiza e realiza a homenagem intitulada “CÍRIO ESTUDANTIL”

em honra à Rainha da Amazônia, a qual acontece há 21 anos nos bairros da Cidade Velha e Jurunas.

Essa romaria, que acontece sempre na semana que antecede à grande procissão da Arquidiocese, é um momento forte de evangelização, catequese e confraternização entre as diversas instituições de ensino que vivem esse evento, por meio de encontros de espiritualidade internamente em cada escola, com a peregrinação da imagem de Maria que visita cada instituição gerando uma corrente de oração e de fraternidade entre educadores e educandos; com a realização de diversas reuniões preparatórias entre os membros representantes de cada escola e da coordenação geral do evento, bem como ensaios de diversas homenagens.

Dentre as várias procissões e homenagens que compõem a grande festa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém do Pará, o Círio Estudantil constitui um momento inteiramente voltado ao público estudantil, envolvendo as comunidades educativas, principalmente àqueles que não estudam em escolas confessionais católicas, tendo assim, em muitos casos, esse como o único momento de contato mais íntimo com o Evangelho de Jesus Cristo.

No decorrer dos preparativos, os alunos do Colégio do Carmo realizam uma coleta solidária para arrecadar alimentos não perecíveis que serão doados às famílias carentes de promesseiros que vêm até Belém. Essa doação é feita por meio da Diretoria do Círio de Nazaré, na Basílica Santuário.

Seguindo uma tradição que se renova a cada ano, após todos os preparativos, a procissão costuma sair de uma das escolas sorteadas no ano anterior, caminhando pelas ruas dos bairros da Cidade Velha e Jurunas, com cantos, orações e homenagens, até chegar tradicio-

nalmente na Igreja de Nossa Senhora do Carmo, no bairro histórico da velha cidade, anexa ao Colégio Salesiano do Carmo Belém. Ao chegar, acontece a missa de encerramento da procissão com o sorteio da escola de onde sairá a procissão no próximo ano.

Mas todos esses eventos são “aperitivos” para o grande e esperado dia.

O PELOTÃO DAS BANDEIRAS

A cidade de Belém foi divinamente apresentada com a missão de apresentar, ao Brasil e ao mundo, uma das maiores manifestações religiosas de que se tem notícia, o Círio de Nazaré, na qual romeiros vindos dos quatro cantos do país e de outras nações manifestam sua fé em Jesus Cristo, por meio de Maria, percorrendo as ruas de Belém, numa verdadeira oblação de amor a Deus.

Dentre as várias homenagens feitas pelos colégios católicos da cidade, o Pelotão das Bandeiras do Círio encabeça a procissão principal, no segundo domingo de outubro, com a participação de mais de 300 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e Ensino Médio do Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré, de Belém, cujo nome foi dado em virtude às manifestações e devoções nazarenas do povo do Pará.

O pelotão é responsável por conduzir as 144 bandeiras dos municípios paraenses, além das bandeiras do Brasil, Pará, Vaticano e bandeiras Maristas durante a grande procissão, numa experiência de oração pelo Estado, pelo Brasil e pela Igreja, promovendo um encontro com Deus, por meio da Virgem de Nazaré.

Para a organização e condução das atividades do Pelotão das Bandeiras do Círio, a Equipe de Pastoral do colégio Marista conta com o trabalho voluntário de um grupo muito

especial, formado por jovens de diversos grupos como os antigos alunos do Colégio, participantes do Movimento Três Violetas, da Pastoral Juvenil Marista (PJM) e vocacionados do Núcleo de Animação Vocacional Marista (NAV). Esse grupo, junto à Direção e Coordenação de Pastoral, animam os momentos orantes, celebrações e ensaios do Pelotão, ajudando os jovens estudantes a compreenderem e se engajarem melhor em torno do verdadeiro sentido de fazer parte do Pelotão das Bandeiras, numa manifestação clara e verdadeira de sua fé cristã.

O Círio é de todos e para todos. Por isso, há lugar para todo aquele que vê em Maria o caminho mais rápido e seguro para chegar ao coração de Jesus. Por esse caminho, que mais parece um rio de gente, passam carros muito especiais.

AS ESCOLAS E OS CARROS DOS MILAGRES

No mês que antecede o Círio, a Diretoria do Círio convida diversas escolas particulares e públicas, católicas e não confessionais, para participarem do sorteio dos 13 carros dos milagres, que serão conduzidos por elas ao longo de toda a procissão.

Todos esperam com grande expectativa por esse dia, assim como o Colégio Santa Catarina de Sena, na esperança de ser contemplado com um dos Carros que são grandes símbolos da devoção mariana. Esses veículos têm a função de receber e transportar até a Basílica Santuário os ex-votos, isto é, objetos que simbolizam o reconhecimento da graça alcançada pelos devotos de Nossa Senhora de Nazaré. Esses objetos vêm na forma de partes humanas, confeccionados em cera, que podem ser miniaturas de casas ou qualquer elemento que se relaciona ao pedido atendido.

São 13 carros à disposição das escolas: Carro

de Plácido, Barca da Guarda, Barca Nova, Carro dos Anjos 1, Cestos de promessas, Carros dos Anjos 2, Barca com Velas, Carro dos anjos 3, Barca Portuguesa, Carro dos Anjos 4, Barca com Remos, Carro Dom Fuas e Carro da Sagrada Família.

Tudo isso por quê? Pelo entusiasmante e disposto envolvimento dos alunos do Santa Catarina de Sena e das demais escolas nesta manifestação de fé. Em um gesto de solidariedade, colaboram voluntariamente na renovação espiritual de tantos peregrinos que depositam nos carros muitos objetos como sinal de gratidão e súplica à Mãe de Nazaré.

A comunidade educativa vê essa participação como fundamental para a evangelização dos alunos e crescimento na capacidade de dar-se aos outros.

CONCLUSÃO

Como diz a canção “O Círio é a alma do paraense”. Acredito que esse breve relato com os principais momentos vividos pelas escolas é um belo testemunho deste coração mariano que pulsa em cada católico do Pará. No entanto, o Círio não passa despercebido também pelos protestantes. Algumas igrejas se articulam para ajudar na distribuição de água para os romeiros. É um gesto de solidariedade que não pode ficar esquecido.

Importante salientar é que o Círio começa a ser vivido nas escolas com a peregrinação das imagens como uma atitude pedagógica, que prepara a comunidade educativa para a participação na festa e na acolhida dos romeiros. Por isso, a canção de Fabio de Melo também diz que “desde outubro Jesus nasce e fica se sujando de açaí até dezembro”. Tudo isso é a manifestação de uma fé que brota da alma do povo.

Deus nos ajude a viver o Círio também como uma mudança de atitude. Deixar de ser uma sociedade tão marcada pela violência para ser a comunidade “casa do pão” da mãe comum que abraça a todos e cuida de todos os filhos e filhas. E, como dizemos por aqui: FELIZ CÍRIO.

MENSAGEM DE NATAL

